

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

**III Simpósio Linguagens e
Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental**

Línguas, Linguagens e Fronteiras

**II Colóquio Internacional
“As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas
na Pan-Amazônia”**

**23 a 27 de Novembro de 2009
Campus Universitário da Ufac**

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Universidade Federal do Acre

Caderno de Resumos

**III Simpósio Linguagens e
Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental**

Línguas, Linguagens e Fronteiras

**II Colóquio Internacional
“As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas
na Pan-Amazônia”**

**23 a 27 de Novembro de 2009
Campus Universitário da Ufac
Rio Branco - Acre**

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

Sumário

I SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Jorge Kalume – Sala 1

1. “Rivasplata: Um artista na fronteira Pan-
Amazônica” 19
2. Os temas de Da Costa estudo das letras
de Da Costa. 20
3. Pactos insustentáveis: a palavra em(cena)
o espaço mítico nas terras de Galvez. 21
4. “O recrutamento” uma obra de arte que
não esconde a identidade do autor 22
5. Marupiara jabuti – bumbá 23
6. O teatro acreano: velhos dilemas e novos
desafios 24
7. Produtos da globalização: imagens no ci-
nema do tráfico e negociações de humanos
entre fronteiras. 25
8. “Dois segundos fazem a diferença”: uma
leitura do filme não por acaso (2007) de
Phillippe Barcinski. 26

II SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Jorge Kalume – Sala 2

- | | |
|--|----|
| 1. O desvelamento da Literatura emergente em Rondônia | 29 |
| 2. Entre as fronteiras de Iracema e Simá: as linguagens e identidades do/no corpo | 30 |
| 3. Rondônia: terra de novos escritores | 31 |
| 4. Lá e cá: a questão da espacialidade no romance amazônico Coronel de Barranco | 32 |
| 5. “Representações da identidade infantil, pós-modernidade e a obras “Seis vezes Lucas”, de Lygia Bojunga Nunes: algumas aproximações. | 33 |
| 6. A contribuição da literatura na compreensão dos conceitos geográficos | 34 |
| 7. Um olhar sobre a personagem Flor-de-lis, na construção de sua identidade infantil: na obra “Os colegas, de Lygia Bojunga | 35 |
| 8. Iracema e Corina: identidades autóctones em construção | 36 |
| 9. A presença das obras literárias rondonienses nas escolas estaduais | 37 |
| 10. Representação e prática da leitura na Amazônia acreana: um olhar sobre o romance Seringal, de Miguel Jerônimo Ferrante | 38 |

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

11. O leitor literário: (trans)formação e emancipação pela literatura infantil e juvenil 43

12. O discurso sobre o nordestino, o colonialismo e pós-colonialismo: uma análise de *Lá estrellá Solitaria* Alfonso Domingo. 40

III SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Jorge Kalume – Sala 3

1. Abordagens discursivas nas aulas de redação de Língua Portuguesa 43

2. Pesquisa Onomástica: herança cultural na Antroponímia e na Toponímia Rondoniense 44

3. Pesquisa Filológica no Curso de Letras da Universidade Federal de Rondônia 45

4. Povos da Amazônia: elementos onomasiológicos para uma reconstrução da sociedade envolvente. 46

5. A construção de um corpus: o \S\ em posição de coda silábica 47

6. Algumas características do interprete de tribunal em uma audiência bilíngüe 48

7. Bolsas de estudos: LE, aquisição e prática 49

8. As relações entre aprendizagem e o desenvolvimento da língua materna 50

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

9. Entre falas e escritas: uma análise lingüística de redação do vestibular, numa perspectiva sistêmico-funcional || **51** ||

10. A Concordância verbal: uma fotografia sociolingüística de Rio Branco-Ac (1997-2009) || **52** ||

11. Linguagem jurídica e acesso à justiça: o papel das expressões em latim nas sentenças dos juizados cíveis de Rio Branco/Ac || **53** ||

12. A onomástica nos espaços tradicionais e periféricos e sua evolução cultural || **54** ||

IV SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Jorge Kalume – Sala 4

1. Entre as linguagens e identidades indígenas: a Língua Portuguesa no imaginário Noke Koi e Nukini || **57** ||

2. Educação Profissional indígena: como seria esse caminho? || **58** ||

3. O lugar do aluno indígena no contexto da UFRR e os conflitos que enfrenta ao inserir-se na Educação Superior. || **59** ||

4. O corpo indígena na escrita de ressuscitados – de Raimundo Morais (1938) || **60** ||

5. Influência da globalização na cultura indígena amazônica || **61** ||

II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

6. Nas fronteiras das linguagens amazônicas: Língua Portuguesa, mediação e interculturalidade com povos Kaxinawá e Katuquina 62

7. Direitos lingüísticos e povos indígenas: repensando as relações interétnicas no âmbito do Estado democrático de direito 63

8. A fadiga de Bené Kaxinawá no jogo do termo estrangeiro: “ a educação escolar indígena”. 64

V SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Wanderley Dantas – Sala 1

1. Líquido-me: fragmentação e universalização de corporeidade – a multiterritorialidade de Leila Jalul 67

2. Paisagem e Identidade na poesia de Roraima das décadas de 1980 e 1990 68

3. Telejornais – a serviço da (des)informação? 69

4. Ética e estética, linguagens significativas? 70

5. \ “Nosso lugar no mundo!”\: análise semiótica de um panfleto turístico do Estado do Acre. 71

6. Discurso, consenso e produção de identidades na mídia acreana. 72

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

7. Capacidades de linguagem utilizadas na construção do processo de leitura do gênero tiras em quadrinhos modelizado em uma sequência didática. || **73** ||

8. Veredas Poéticas de Juvenal Antunes || **74** ||

9. Tirinhas: uma prática de leitura na 8ª série da Escola E.E.F. e E.M. 15 de junho || **75** ||

10. Oralidade, memória e discursividade || **76** ||

VI SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Wanderley Dantas – Sala 2

1. O saber da experiência nas narrativas docentes: a cena como espaço de formação || **79** ||

2. O escolanovismo no Território do Acre (1946-1950) || **80** ||

3. Inaudíveis e invisíveis: representações do negro na historiografia acreana || **81** ||

4. Aspectos da construção identitária do aluno negro no Curso de Letras – UFRR || **82** ||

5. A emergência da escola graduada: os primeiros grupos escolares no Território do Acre. || **83** ||

6. Experiências de educação de seringueiros/as na região da Amazônia Occidental (1981-2007) || **84** ||

II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

7. Vigiar e castigar: educação para a reforma dos costumes veiculadas no jornal “O Acre” na década de 40. | **85** |

8. O diário escondido: as cartas de uma moradora de Sena Madureira, nas décadas de 1920 a 1940. | **86** |

9. O ensino da língua estrangeira na educação rural acriana sob os aspectos geográficos, históricos e culturais – ensinar através de uma perspectiva lingüística culturalmente sensível. | **87** |

10. Práticas de Alfabetização e Letramento em uma escola da zona urbana e rural de Rio Branco | **88** |

11. Leitura no contexto escolar: entrecruzando discursos | **89** |

VII SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Wanderley Dantas – Sala 3

1. A língua(gem) na construção da identidade surda | **93** |

2. LIBRAS no Ensino Superior: discutindo questões de construção de identidade surda | **94** |

3. Construção da identidade do interprete educacional de LIBRAS no Ensino Superior de Boa Vista – RR | **95** |

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

4. Horizontes de expectativas: o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa nas identidades surdas || 96 ||
5. A apropriação de espaços públicos na construção identitária do surdo em Boa Vista – RR || 97 ||
6. A metafunção textual da LIBRAS e o ensino de Língua Portuguesa para surdos: um estudo exploratório || 98 ||
7. A construção de múltiplas identidades, a partir da Lan House para surdos || 99 ||
8. Discurso de professores sobre a inclusão de pessoas especiais em escolas regulares || 100 ||
9. LIBRAS & LETRAS: uma reflexão sobre a representação da Língua de Sinais no Ensino Superior || 101 ||
10. A construção da identidade surda no contexto universitário e as relações de poder e saber sobre ser surdo. || 102 ||
11. Linguagem e Identidade surda: diversificações e significações na atualidade || 103 ||

VIII SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

Bloco Wanderley Dantas – Sala 4

1. A conquista de Rio Branco || 107 ||

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

2. Do assombro ao deslumbramento: uma breve análise dos relatos de viagem de Frei Gaspar de Carvajal e de Frei Cristóbal de Acuña 108
3. “BRASIVIANO” e “FRONTEIRA” como categorias culturais interamericanas da Amazônia Sul-Occidental. 109
4. A reinvenção dos “Santos Pretos” no discursos missionário europeu 110
5. Discurso e identidade inscritos no Movimento da Via Campesina 111
6. Populações locais, desenvolvimento e convergência na faixa de fronteira: estratégias “sustentáveis” e Gestão Florestal nas Flonas do Macauã e São Francisco. 112
7. Ambientalização da Geopolítica ou “outras fronteiras” na Amazônia brasileira? 113
8. O PROAMBIENTE: um novo papel para produtor rural acreano 114
9. Entre o discurso e a prática institucional na aplicabilidade do Estatuto da Criança e do Adolescentes em Rio Branco/Ac: proteção ou punição? 115
10. O luto na comunidade ribeirinha do Teotônio 116

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

11. Discursos entrelaçados – fé e política no caso Paulinho Almeida no Tribunal Regional Eleitoral/Ac. || **117** ||

12. A linguagem da intolerância e seu fruto mais extremado: um breve histórico dos Skinheads no Brasil e no mundo. || **118** ||

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Resumos

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Sessão I

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

“RIVASPLATA: UM ARTISTA NA FRONTEIRA PAN - AMAZÔNICA”

Angela Maria Nunes da Silva
angela-nunes-s@hotmail.com

A região amazônica possui em seu significado várias imagens emblemáticas, assim como os povos que a constituem, expressas em sua pluralidade cultural. Pessoas de diferentes nacionalidades que aí vivem interagem com o meio, com os autóctones, ressaltando, variados símbolos culturais, constituídos de acordo com a marca de sua hibridização. Portanto, decidimos investigar a trajetória de um importante artista peruano radicado no Acre – o artista plástico e escultor Jorge Rivasplata. Objetivamos estudar as imagens de algumas telas produzidas por Jorge Rivasplata e buscar identificar a relação do homem com o meio ambiente, especialmente através da representação da Amazônia em sua obra. MATERIAL E MÉTODO: As atividades foram desenvolvidas a partir das análises de imagens de algumas de suas obras, mais representativas, que serviram como fonte de dados iniciais no desempenho, aplicação e compreensão deste estudo. RESULTADOS: Constatou-se, com base nos dados obtidos que o artista plástico trabalha com imagens do homem amazônico em situação de trabalho e contato direto com a floresta, além dos mitos que pertencem ao imaginário local, os variados povos que pertencem a Amazônia e também comparece como autor de importantes obras adquiridas pelo governo do Estado do Acre. CONCLUSÃO Baseado nas análises feitas, e nas leituras específicas de algumas de suas obras, torna-se claro as diversas facetas identitárias que constituem a obra do pintor (que vive na tri-fronteira: a boliviana, a peruana e a brasileira). Rivasplata visa o acontecimento social amazônico, procurando mostrar as relações dos homens entre si, sua posição perfeitamente visível em seus agrupamentos sociais, marcações e movimentos. O artista pinta sujeitos de diferentes classes sociais. Apesar da maior parte de sua produção serem feitas por encomenda, verificamos marcas de um artista que vive no mundo pan-amazônico, isto é, nas diferentes Amazônias.

Palavras-chave: Artes Plásticas; Imagem; Amazônia.

OS TEMAS DE DA COSTA ESTUDO DAS LETRAS DE DA COSTA

Écio Rogério da Cunha
carapana@uol.com.br

Francisco Osvanilson Dourado Veloso

Com o presente trabalho, ainda em construção, pretendemos discutir alguns traços específicos dos temas mais utilizados pelo cantor acreano Da Costa, nas letras das canções Acre Querido, Conselho de Amigo e Manias. Esse levantamento busca as possíveis ligações do comportamento boêmio do cantor nas letras das canções, e também, sua relação com o lugar que nasceu. Buscaremos fundamentações em Mikhail Bakhtin, em seus pressupostos sobre enunciado que é estabelecido pela vida social e cultural envolvidos na comunicação. O “social e cultural” em processo contínuo de transformação, não estabelecido de forma fixa ou inflexível. Com Philip Tagg estudaremos a música popular de Da Costa na perspectiva da semiótica (no universo social e artístico). Assim, a concepção da música estar sujeito as biografias, concepção de mundo, da opção ideológica, da formação musical. Nesse entendimento o discurso seja ele qual for, tem uma relação direta com o meio sócio-histórico e cultural. Assim podemos reconhecer que o discurso é de um indivíduo para outro indivíduo e está entrecruzado com outros discursos históricos. Na análise dos discursos dos temas dos sambas do Da Costa encontramos em universo cotidiano boêmia, suas brigas amorosas (com uma forte desvalorização da mulher) e ufanismo regional. Nas letras encontramos a forma direta e coloquial que é uma marca das músicas brasileiras populares. Palavras-chave: discurso; letra; canção.

II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

PACTOS INSUSTENTÁVEIS: A PALAVRA EM(CENA) O ESPAÇO MÍTICO NAS TERRAS DE GALVEZ.

Francisco Weyder Monteiro de Oliveira
weydero@bol.com.br

O objetivo desta comunicação é apresentar os discursos que se propõem a forjar o espaço e a identidade do sujeito, nos limites do Acre, a partir da voz oficial, veiculados no *Jornal Página 20*, da cidade de Rio Branco, e o discurso de carnavalização materializado na peça teatral *Pactos Insustentáveis*, de Laélia Rodrigues e André Alexandre, em cartaz no ano de 2003. Além de analisar uma das cenas que compõem a peça, estabelecendo um diálogo entre ela e algumas matérias publicadas nesse periódico, no ano de 2002, espaço temporal em que o *Jornal* se valeu da reapresentação do discurso histórico acreano, a fim de veicular imagens de um novo herói para o estado. A recuperação histórica, a construção do sentimento de nacionalidade e o lançamento de uma nova liderança no cenário local, satirizados pela peça, pautar-se-ão nos estudos da AD, vislumbrados por Foucault, especialmente, a noção de disciplina. Ao pesquisar essas produções identitárias, aspiramos a descobrir como são retomadas ideologias de outrora, tidas como pré-revolucionárias, para atender às necessidades de fixar a(s) identidade(s) nacional(is); além de documentar a memória e a identidade culturais do repertório narrativo do que volta a ser *o paraíso verde*, uma vez proposto pelas crônicas de viagem do século XVI.

Palavras-chave: história; discurso; memória; identidade; espaço.

“O RECRUTAMENTO” UMA OBRA DE ARTE QUE NÃO ESCONDE A IDENTIDADE DO AUTOR

Guadalupe Justa Delgadillo Torrez
guadaluperivasplata@hotmail.com
Simone de Souza Lima

A questão da identidade, tão discutida nos moldes dos estudos culturais na atualidade, expressa controvertidas opiniões sobre o tema. Uma coisa parece certa na contemporaneidade: não existe identidade fixa (adquirida no nascimento). O controvertido tema nos leva a pesquisar a identidade na fronteira da Amazônia Occidental. Para verificar a questão, tomaremos como corpo de estudo uma obra do artista plástico Jorge Rivasplata denominada “O Recrutamento”, obra que faz parte de uma coleção de vinte quadros. Rivasplata é um artista plástico andino que percorre a fronteira amazônica de três países, Bolívia, Peru e Brasil. Há vinte e cinco anos chegou ao Acre e aqui se instalou para produzir várias obras que contam os afazeres amazônicos acreanos. As obras, muito prestigiadas, são observadas com olhos de admiração, porém, nos indagamos: até que ponto as imagens apresentadas nelas retratam fielmente ao homem ou lugar amazônico brasileiro? Por se tratar de um artista que percorre as três fronteiras amazônicas, pode-se dizer, ao observar seus trabalhos, que há conflito na sua identidade? Pode-se inferir que devido a essa migração que ele teve que fazer, transpondo fronteiras em procura de uma vida mais digna, de certa forma acabou influenciando na sua produção artística? As suas obras carregam sutilmente, traços típicos de personagens ou paisagens da Amazônia dos países andinos? Este artigo é o início de um estudo de dissertação “As artes visuais no entrelugar: O percurso de um artista na fronteira”, que está em andamento.

Palavras-chave: artes plásticas; fronteira; Amazônia.

MARUPIARA JABUTI-BUMBÁ

Keiliane Custódio de Souza
keilianeclaro@hotmail.com

O Marupiara Jabuti-Bumbá é uma manifestação artística criada há quatro anos por uma família de artistas na cidade de Rio Branco, Acre. Segundo o grupo o Marupiara Jabuti-Bumbá nasceu da necessidade de se criar uma manifestação que falasse das peculiaridades locais atravessadas pela ótica popular. Os criadores e integrantes desta manifestação escolheram como fonte de inspiração o folgado Bumba-meu-boi, substituindo o boi, como principal personagem, pelo jabuti, visto que este é um típico animal da floresta amazônica e símbolo da luta pela sua preservação. O boi, ao contrário, é estigmatizado no Estado do Acre como marca de destruição. Assim sendo, o Marupiara Jabuti-Bumbá não se atém apenas a contar histórias, pois através de suas canções tenta-se alertar a comunidade sobre a degradação do meio ambiente, principalmente em relação às queimadas que destroem o solo e as nascentes dos rios. Deste modo, o presente trabalho objetiva apresentar um recorte do projeto de pesquisa Marupiara Jabuti-Bumbá: um exame dos elementos discursivos e narrativos apresentado ao Curso de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade. Portanto, a proposta desse trabalho é questionar a “criação” do Marupiara Jabuti-Bumbá. Sua criação corresponde ao que Hobsbawn nomeia de “invenção das tradições”. Em sua obra ele descreve como as tradições inventadas “são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a ‘nação’, e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas”, e daí por diante (1997, p.22). Destarte, esta pesquisa, que culminará em um estudo sistemático do Marupiara Jabuti-Bumbá fomentará o debate sobre a “invenção” de uma nova manifestação artística na comunidade de Rio Branco, Acre.

Palavras-chave: Marupiara Jabuti-Bumbá; manifestação artística; Rio Branco-AC.

O TEATRO ACREANO: VELHOS DILEMAS E NOVOS DESAFIOS

Marcelo da Silva Murilo
murilomarcelo@gmail.com
Elderson Melo de Melo

O objetivo do artigo é descrever a situação do Teatro de hoje no Acre, sobretudo no que diz respeito à produção teatral, ao fazer artístico e a formação de artistas locais. Aborda o teatro acreano na perspectiva de uma história do tempo presente; sem negligenciar o diálogo com a memória dos grupos locais e das pessoas envolvidas com a arte e a cultura. Começa apontando qual foi o fundamento da experiência teatral dos grupos em cena no final da segunda metade do século XX e as novas orientações surgidas a partir das mudanças no cenário da política local. Na parte que trata da produção cultural, o destaque é para a institucionalização da participação social nos organismos de poder público. No fazer artístico, a ênfase está na angústia de artistas e produtores, em função das limitações e carências provenientes da falta de formação adequada dos mesmos. No último ponto do estudo, preocupamo-nos em apontar os espaços de formação existentes hoje no Acre e o que se desenvolve nesses espaços. Nossa análise é resultante de um breve estudo construído a partir de pesquisa com várias fontes: bibliografias, depoimentos de gestores culturais e artistas do cenário local; além do tratamento de alguns documentos. Serve como elemento inicial para um estudo mais profundo sobre os problemas que envolvem o Teatro Acreano atual, inclusive com sugestão de hipótese.

Palavras-chave: teatro; cultura; formação.

**PRODUTOS DA GLOBALIZAÇÃO:
IMAGENS NO CINEMA DO TRÁFICO E
NEGOCIAÇÕES DE HUMANOS ENTRE
FRONTEIRAS**

Maria de Nazaré Cavalcante de Sousa
nazaresou@hotmail.com

Se alguns filmes representam uma crítica a certos aspectos da realidade, há outros que apresentam uma crítica da realidade do mundo. O presente artigo traz para discussão a análise de três filmes contemporâneos, filmados no século XXI, cujos diretores se propõem discutir as relações humanas e os efeitos da globalização. Os filmes *Coisa Belas e Sujas* (Dirty Pretty and things) de Stephen Frears, *Neste Mundo* (In this world), de Michael Winterbottom e *Importação Exportação* (Import Export), de Ulrich Seidl, abrem esse início de século com imagens e temáticas que mostram a extrapolação dos limites da degradação humana; levando ao espectador entre-secular a leitura de uma inversão do fabular que costuma ser apresentado nas telas do cinema global. Sem descuidar de uma inovação estética, agregam conteúdos representando os problemas gerados pela globalização, pontuando a situação dos imigrantes ilegais que buscam referenciais de futuros entre as fronteiras transnacionais. A discussão girará em sintonia com o estudo do pesquisador latino-americano, Néstor Garcia Canclini em seu livro *Globalização Imaginada*. O diálogo ocorrerá através da problemática da ilegalidade dos sujeitos de países de periferias que vivem em diásporas e que buscam abrigo, trabalho e salvação em países desenvolvidos, refletindo sobre a representação do imaginário que esses imigrantes constroem frente à propaganda dos benefícios da globalização disseminada nos entre-mundos.

Palavras-chave: cinema; globalização; fronteira.

**“DOIS SEGUNDOS FAZEM DIFERENÇA”:
UMA LEITURA DO FILME NÃO POR
ACASO (2007) DE PHILIPPE BARCINSKI.**

Raquel Alves Ishii
ishii.raquel@gmail.com
Gerson Rodrigues de Albuquerque

O objetivo deste ensaio centra-se em uma reflexão sobre elementos que engendram o enredo da película cinematográfica “Não por Acaso” - lançada no ano de 2007 e dirigida por Philippe Barcinski - que mantêm entre si relações aparentemente aleatórias. O filme traça um paralelo entre as vidas de Ênio (Leonardo Medeiros) e Pedro (Rodrigo Santoro): o primeiro é “controlador de trânsito” e o segundo é, além de jogador, fabricante de mesas de sinuca. Os dois vivem a ilusão de poder calcular seus movimentos e quantificar seus sentimentos até que o “acaso” em um acidente de trânsito transforma suas mensuradas realidades em puro descontrole. Duas metáforas – o trânsito e o jogo de sinuca – nutrem a proposta do diretor em transformar a cidade de São Paulo em palco de encenação da teoria do caos. A cidade, por sua vez, protagoniza ações que desencadeiam fluxos de múltiplos movimentos, produzindo inesperados efeitos, mas não por acaso.

Palavras-chave: cinema brasileiro; acaso; cidade.

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Sessão II

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

O DESVELAMENTO DA LITERATURA EMERGENTE EM RONDÔNIA

Adriano Alexandre Nascimento Aires
anapaiva01@yahoo.com.br
Ana Rosa Frazão Paiva

O nosso objetivo é efetuar um levantamento acerca da Literatura produzida no Estado de Rondônia, que se encontra muitas vezes dispersa e não catalogada, para ser analisada e sistematizada dentro de critérios pertinentes à Teoria Literária. Com este levantamento tem-se a oportunidade de ampliar a definição da concepção estética e literária das Letras de Rondônia, e ainda verificar se condizem com o regionalismo amazônida, ou se não, demonstrando quais valores literários se diferenciam e também verificar se se acompanha a peculiar História de Rondônia na qual estão presentes inúmeros contingentes populacionais oriundos de todas as regiões do país. Krüger, quando trata da “Amazônia” (2005), reduz-se a uma área cultural pouco explorada (a bacia do rio Negro) e a um livro dessana, cruzando com tradições analíticas que vão de Macunaíma a Maíra, dando-nos um referencial para estudar estes valores e a História, agora localizados nas obras que pretendemos levantar. Os resultados do nosso levantamento particular contribuirão para detectar a heterogeneidade de diversos elementos nas obras literárias, evidências constatáveis a partir de localização de obras em bibliotecas, escolas públicas e em livrarias, estabelecimentos que servirão, também, como instrumento para a verificação do perfil socioeconômico e cultural dos leitores de Rondônia.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Literatura Regional; Amazônia.

ENTRE AS FRONTEIRAS DE IRACEMA E SIMÁ: AS LINGUAGENS E IDENTIDADES DO/NO CORPO

Amilton José Freire de Queiroz
amiltqueiroz@hotmail.com
Simone de Souza Lima

Este trabalho tem por objetivo compreender as interfaces entre a escrita e o corpo, levando em consideração a idéia de que as representações do corpo na literatura brasileira atuam na formação do imaginário cultural sobre os outros (índios). Para tanto, lançamos mão de duas obras literárias: uma escrita por José de Alencar, *Iracema* (1865); e outra tecida pelo escritor baiano Lourenço Amazonas, *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857). Tais textos têm como ponto de contato duas heroínas atravessadas pelo sentimento de pertencimento ao mundo europeu. Enquanto em *Iracema* o corpo ficcional Moaci é fruto do amor entre a “Virgem dos Lábios de Mel” e Martin, em *Simá* a mameluca é concebida a partir do estupro que Régis praticou com a índia Delfina. *Simá* é um corpo disciplinado, interdito pelas estruturas de poder do Alto Amazonas. Desse modo, a hipótese que deve guiar, inicialmente, nossa proposta analítica é a de que Lourenço Amazonas, valendo-se dos percursos, paralelos e vidas dos índios manau, narra a formação de um território marcado por pluraridades de vozes e ecos de vontades de verdade ancoradas numa leitura cartográfica sobre os corpos amazônicos. A segunda vertente de estudo explorada, aqui, alicerça-se em “passar” pelas páginas de *Iracema*, procurando investigar a representação dos corpos das personagens potiguaras e tabajaras e o contato destes com os europeus. Como tentativa de compreensão, sugerimos, à guisa de conclusão provisória, que as vozes narrativas que ecoam pelas fronteiras de *Iracema* e *Simá* evocam a representação das linguagens e identidades do/no corpo dos índios nas e tensas redes/jogos de poder nas quais as heroínas estão imersas.

Palavras-chave: Linguagens; Identidades; Corpo.

RONDÔNIA: TERRA DE NOVOS ESCRITORES

Estéfano José da Cruz
estefanojosecruz@yahoo.com.br
Francisco Ferreira Moreira

O presente trabalho tem por escopo investigar o processo de formação de uma literatura emergente em Rondônia, efetuando um levantamento dos escritores ficcionistas. Daniel Delas (in: Bernd & Utéza, 1997), ao tratar das “escrituras mestiças”, com as suas fases de literatura em emergência”, sabe que não se pode querer sempre suplantar o colonizador na língua –mas pode-se criar uma política peculiar e melhor a partir deste desvendamento. Assim, autores locais de prosa cuja publicação tenha sido propagada no Estado são o nosso foco principal, devendo ser verificadas especialmente aquelas obras de caráter regional, procurando detectar as estéticas literárias que lhe são influenciadoras, além de sistematizar e analisar os dados conexos coletados na pesquisa de campo. Abordar o tema da literatura regional em Rondônia possui difícil escolha quando nos aproximamos do âmago da formação intercultural, característica definidora da formação do próprio Estado. Diversas questões afloram a partir da tentativa de estabelecer relações entre arte literária de valor e a quantitativamente tímida produção escrita dos ficcionistas locais. Estabelecer os critérios estéticos desta literatura também possui diversas oposições, e, por vezes, abordagens de caráter negativo e mesmo extremamente negativo. A partir dessas premissas é que percebemos que urge efetuarmos uma pesquisa no sentido de buscar o perfil da produção literária regional local, incidindo assim em polêmica de longa data sobre a própria existência deste item conceitual de uma identidade literária local.

Palavras-chave: literatura regional; identidade literária; mercado cultural.

LÁ E CÁ: A QUESTÃO DA ESPACIALIDADE NO ROMANCE AMAZÔNICO CORONEL DE BARRANCO

Francielle Maria Modesto Mendes
franciellemodesto@gmail.com

Este trabalho intitulado Lá e Cá: A questão da espacialidade no romance amazônico Coronel de Barranco tem como corpus de investigação o romance Coronel de Barranco ambientado na Amazônia do final do século XIX e início do XX, do autor brasileiro Cláudio de Araújo Lima. O ponto de partida consistirá na verificação da questão do lugar/espaço no romance estudado. Nesse sentido, a expressão espaço pode estar associada a uma porção específica da superfície da Terra identificada seja pela natureza, no caso da floresta e dos rios amazônicos, seja por um modo particular como o homem ali imprimiu as suas marcas, ou ainda como referência de localização. Portanto, para compreender melhor essas relações, toma-se por base estudiosos como Milton Santos, Stuart Hall, Antônio Dimas, Leandro Tocantins, dentre outros, que fazem uma abordagem maior sobre a espacialidade, a Amazônia e suas relações. Por fim, depreende-se que o espaço amazônico é um instrumento de manutenção, conquista e exercício de poder, onde se (re)produz relações sociais. Na narrativa Coronel de Barranco, observam-se ainda quão evidentes são as distinções de espaço e como se estabelecem as formas de convivência. O dono do seringal ocupa o barracão, enquanto os seringueiros transitam entre suas colocações e o tapiri. A ligação entre os dois espaços são as estradas de seringa e os rios. Este é o ambiente em comum, por onde todos são obrigados a transitar, igualando-se entre si e interagindo com a natureza.

Palavras-chave: romance amazônico; personagens ficcionais; espacialidade.

**“REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL,
PÓS-MODERNIDADE E A OBRA “SEIS VEZES
LUCAS”, DE LYGIA BOJUNGA NUNES:
ALGUMAS APROXIMAÇÕES**

Liviane Rodrigues Maia
livianerodrigues@yahoo.com.br

Esta comunicação tem a finalidade de estabelecer algumas aproximações entre representação identitária infantil, a pós-modernidade e a obra “Seis Vezes Lucas”, de Lygia Bojunga Nunes. Isso se faz necessário, devido a esse novo cenário global, denominado por HALL (2006) de “pós-moderno” ou “modernidade tardia”, que ativa as discussões a respeito do termo “Identidade”. Segundo HALL (2006: 9) “estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” Assim, esse período das incertezas e das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas, modificou as instituições e as relações sociais (principalmente, a família), tornando a infância um período fragmentado, recheado de conflitos, desejos, problemas, frustrações, expectativas e medos, próprios deste novo contexto global e desestabilizante. Isso porque, a infância materializa-se como uma criação social sujeita a mudar sempre que a sociedade sofre transformações estruturais amplas. Dessa forma, a criança, pós-moderna, que “está exposta a cada momento à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar suas condições, desde que seus recursos íntimos lhe possibilitem fazê-lo.” (BETTELHEIM, 2007:12). Assim, ela precisa construir uma nova identidade, adequada a esse mundo desconcertante e provisório. Esse processo de representação identitária poderá ser auxiliado pela Literatura Infantil, uma vez que “a criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre o modo como ela pode lidar com essas questões e amadurecer com segurança.” (BETTELHEIM, 2007: 15). Nessa perspectiva, buscamos evidenciar a relação entre representação identitária infantil, pós-modernidade e obras literárias destinadas ao leitor infantil, representada por meio de formas metafóricas. Nesse universo literário, destacamos a obra “Seis vezes Lucas”, da escritora gaúcha Lygia Bojunga Nunes que é recheada de relações familiares conflituosas e a busca identitária do protagonista Lucas. Palavras-chave: identidade; infância; representação literária.

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA NA COMPREENSÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS

Luciane Ferreira de Moraes
moraigeo@gmail.com
Lucilene Ferreira de Almeida

Este trabalho tem por objetivo fazer uma breve reflexão sobre a importância da literatura nos conceitos geográficos. Inicialmente, nosso trabalho é resultado de um projeto de elaboração de uma oficina pedagógica com o tema “construindo o espaço geográfico”, com a finalidade de ser aplicada em escolas de ensino fundamental ou médio. Esta oficina foi ministrada na disciplina “Investigação e Prática Pedagógica em Geografia II” no 7º período do curso de Geografia Licenciatura. Na primeira semana de Julho, realizamos a oficina na escola Senador Adalberto Sena, com alunos da 6ª série. Os materiais e métodos utilizados foram apresentação em slide com imagem e o conceito formulado de espaço, lugar e paisagem. Três poemas referentes a esses conceitos foram utilizados, como segunda atividade elaborada com os alunos. O primeiro poema é “a casa” de Vinícius de Moraes, referente ao conceito de lugar; o segundo poema é “a lagoa” de Carlos Drummond de Andrade, referente ao conceito de paisagem; o terceiro poema é “Rio Acre” de Luciane Moraes, que faz referência ao conceito geográfico de espaço. A última atividade feita com os alunos foi à elaboração de desenhos em papel sulfite A4 sem pauta, onde estes tinham por tarefa a construção do espaço geográfico a partir dos desenhos/paisagens/lugares elaborados por eles. E no final colaram numa cartolina e apresentaram. Em síntese, a conclusão da oficina pedagógica, nos elucidou que, o uso da interdisciplinaridade motiva os alunos. E a Literatura tem grande contribuição nos estudos de conceitos geográficos.

Palavras-chave: espaço; lugar; paisagem.

**UM OLHAR SOBRE A PERSONAGEM
FLOR-DE-LIS, NA CONSTRUÇÃO DE SUA
IDENTIDADE INFANTIL: na obra ‘Os
Colegas’, de Lygia Bojunga**

Maria Aparecida Soares de Souza
maufac@bol.com.br

A literatura infantil é, sem dúvida, um valioso contributo para a formação do sujeito. Ela possibilita construções identitárias, a partir do diálogo que estabelece com o seu receptor. Esta comunicação objetiva revelar as possibilidades de construção de identidades, a partir de narrativas destinadas ao público infantil. Com esse intuito, buscaremos no desenvolvimento de nossa pesquisa, evidenciar de que maneira a personagem Flor-De-Lis, na obra *Os Colegas*, de Lygia Bojunga, que como se dar a construção de sua identidade infantil e de que maneira se estabelece diálogos com os seus leitores, possibilitando a esses, através de aproximações entre o real e a ficção, a formação de identidades. Na obra, a personagem une-se a um projeto comum de trabalho, juntamente com outros personagens em busca dessa construção que lhe dá satisfação pessoal e sentido à vida. Nossa hipótese é a de que a criança, através dessa narrativa, poderá encontrar significados profundos para própria existência, a realidade e conflitos que envolvem o seu meio social visando a situações e possibilitando vivenciá-los através da personagem, uma vez que poderá se identificar muitas vezes com alguns deles. Dessa interação, poderão surgir soluções que a levarão ao amadurecimento psicológico e, conseqüentemente, a construção de sua identidade. Em nosso trabalho, utilizaremos conceitos advindos de Bruto Bettelheim, Zilbemar e Bauman no que se refere à psicologia infantil, além de outros teóricos de outras áreas do conhecimento que apontam os processos construtores e/ou reveladores de traços identitários.

Palavras-chave: identidade; infância; literatura infantil.

IRACEMA E CORINA: IDENTIDADES AUTÓCTONES EM CONSTRUÇÃO

Myully Dos Santos Sousa
myully@gmail.com

Bauman (2005) afirma não ser possível pensar, na era líquida – moderna, em uma identidade pura, fixa e imutável. Na verdade, isso só foi possível enquanto não problematizaram a pluralidade e as trocas culturais presentes nas relações sociais desde os tempos mais remotos. No caso da Amazônia, ainda no período colonial, através dos relatos de viajantes, percebemos que a alteridade autóctone não é respeitada, mas sobre ela é imposta um outro olhar, que subjuga sua concepção de mundo. Essa relação é assimétrica, mas não de anulação total. Num processo violento, em trocas e negociações culturais, há sangue, mortes e silenciamento de muitas vozes. A presente comunicação é um piloto do Projeto de Dissertação apresentado ao Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da UFAC, de título provisório: *Iracema e Corina: duas índias em busca de uma identidade nacional*. Tem como objetivo apresentar o mundo romanescos construído por Raimundo Moraes e José de Alencar, nos romances *Ressuscitados e Iracema*, respectivamente, a fim de verificar como é construída a imagem das personagens indígenas Corina e Iracema. Qual a força das produções culturais refletidas nos corpos das personagens? Como são construídas e definidas suas identidades, mediante a forte presença da alteridade? A base metodológica do trabalho consiste na pesquisa bibliográfica e na análise crítica do corpus, amparada por estudos de Stuart Hall (2003), que trata da questão da identidade híbrida, formada a partir das mediações e trocas culturais e, por Zygmunt Bauman (2005), que aborda a questão da identidade fluída/móvel, resultado da dinâmica/velocidade da modernidade. A pesquisa está em processo inicial de investigação, mas trabalhamos com a hipótese de mostrar que, ao construir as personagens Iracema e Corina, os autores revelam, através da diferença, a possibilidade de compreender, apreciar e valorizar o hibridismo que há entre as raças formadoras de linguagens e de identidades.

Palavras-chave: identidade; hibridismo; cultura.

A PRESENÇA DAS OBRAS LITERÁRIAS RONDONIENSES NAS ESCOLAS ESTADUAIS

Neldilene Soares Sena
anapaiva01@yahoo.com.br
Tainá Santos de Melo

Muito se ouve falar de que em Rondônia não há uma literatura suficientemente difundida de tipo regional e/ou local. Embora poucos conheçam, há uma boa variedade de textos literários, de autores rondonienses, ainda pouco conhecidos pela população, que, por ausência de iniciativas públicas com aporte de recursos financeiros e publicitários, não são divulgados. Apenas uma pequena minoria divulga e tem acesso a esses textos, alguns sendo pessoas que trabalham na pesquisa da cultura da nossa região ou estudantes de Letras. Benjamin Abdala caracteriza as literaturas africanas de língua portuguesa “no quadro dos movimentos de resistência e luta pela libertação política de seus países e de afirmação de uma cultura própria”. No Estado de Rondônia, devido à massa de ocupação imigrante, a literatura vem ganhando um viés similar de “resistência cultural”. Contudo, no Estado não há um incentivo oficial ao conhecimento da literatura local, o que demonstraria o seu “caráter democrático”, consolidando o esfumaçar da caracterização autóctone, que devemos revelar. Utilizando a idéia de que as escolas são os principais elementos incentivadores da leitura, podemos acreditar que sejam elas as vitrines em busca das quais as pessoas interessadas procurem conhecer a sua literatura. Mas o que se precisa saber é se esses órgãos e as instituições que as orientam estão trabalhando no sentido de criar uma política de incentivo aos alunos, para que estes conheçam as obras e os autores locais; se dispõem de acervos de livros rondonienses e de autores rondonienses.

Palavras-chave: bibliotecas estaduais; literatura local; leitura escolar.

REPRESENTAÇÃO E PRÁTICA DA LEITURA NA AMAZÔNIA ACREANA: UM OLHAR SOBRE O ROMANCE SERINGAL, DE MIGUEL JERÔNIMO FERRANTE

Pâmela Clívela Anastácio
pamelaufac@bol.com.br

Com a presente comunicação objetivamos partilhar análises parciais no tocante à Representação das Práticas da Leitura, no romance *Seringal*, de Miguel Jerônimo Ferrante. Como referencial teórico-metodológico parte-se de reflexões propostas por CHARTIER (1996), FREIRE (1991), BARBOSA (1990) e MARTINS (2004) que postulam a respeito das representações e práticas da leitura. No decorrer da pesquisa e no tratamento dado ao objeto, percebemos que no romance *Seringal* ‘aparece’, se revela, uma prática de aquisição da leitura que é, sobretudo, práticas representativas de múltiplas situações e configurações de uma determinada época. Assim busca-se verificar como as práticas da leitura são representadas no romance e também construídas a partir dos espaços em que os personagens estão em contínuo processo de “interação” em pleno século XX. Para esse fim, evidenciaremos, no romance, as práticas representadas, através do percurso do protagonista Toinho, um menino “perdido” no meio da imensa floresta que sonha em adquirir as habilidades da leitura e da escrita; um legítimo representante, na ficção, do nordestino que migra do sertão para a Amazônia acreana, em busca da sobrevivência. A escola Santa Rita construída em meio ao seringal é conforme o narrador “Um poderoso foco de luz que há de se irradiar por todo vale, redimindo para a cultura os irmãos seringueiros”, “A boa árvore do saber”. Entretanto, a situação não agrada o Coronel, pois seringueiro alfabetizado, segundo ele, torna-se uma ameaça aos negócios. Os “métodos de alfabetização” utilizados pela professora vão desde a “carta do be-a-bá” aos castigos físicos. Esta comunicação buscará, por fim, analisar, como ocorre e se ocorre de fato, a constituição do sujeito leitor nos seringais acreanos.

Palavras-chave: leitura; literatura; representação.

O LEITOR LITERÁRIO: (TRANS)FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO PELA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Patrícia Carvalho Redigulo
patriciaredigolo@ibest.com.br
Henrique Silvestre Soares

A Literatura Infantil e Juvenil oferece ao sujeito a que se destina – a criança e o jovem - experiências múltiplas, no campo ético, estético, psicológico, filosófico e ontológico. O conhecimento do mundo e os revelados pelo mundo representado na literatura infantil e juvenil contribuem para a formação do sujeito, uma vez que oportunizam um conjunto de saberes, emoções e experiências, nos planos real e imaginário, nos quais a criança e o jovem se constituem sujeito histórico, protagonista de sua jornada existencial, pois. No contato com textos escritos, em particular os literários, oportuniza-se o processo de construção de novos sentidos e significados para a sua vivência, pois passa a nomear sentimentos e emoções, criar conceitos, elaborar e fortalecer seu mundo interior. São experiências necessárias na formação do ser, atribui-lhe uma condição humana diferenciada, pois se constitui leitor, leitor da vida, do mundo e do seu mundo. A fim de compreender este processo da formação do leitor, sendo um aspecto da condição humana, caracterizar e evidenciar a literatura como um modo de transformação e emancipação do ser que se inquieta diante da vida, do óbvio, do que lhe apresenta pronto, desta maneira questiona e busca atribuir sentidos a sua existência. A metodologia utilizada para o trabalho fundamenta-se em relatos escritos que demonstram como a literatura transforma e possibilita maneiras criativas e criadoras de ver e viver; relatos escritos que evidenciam a função social da leitura; onde a literatura contribui na formação do sujeito, em suas escolhas pessoais, quer sejam afetivas, éticas, estéticas e sociais. Ao oferecer à criança e ao jovem a experiência literária, a condição de tornar-se leitor, contribui-se para a formação do sujeito, protagonista de seu mundo, oportunizando a construção de seu projeto de vida.

Palavras-chave: leitura; formação do leitor; letramento literário.

Caderno de Resumos

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

**O DISCURSO SOBRE O NORDESTINO,
COLONIALISMO E PÓS-COLONIALISMO:
UMA ANÁLISE DE *LA ESTRELLA
SOLITARIA* ALFONSO DOMINGO**

Saulo Gomes de Sousa
sallinos@gmail.com

Este trabalho é um estudo da obra *La Estrella Solitaria* do escritor e jornalista espanhol Afonso Domingo sob uma perspectiva pós-colonial. Para fundamentar nossa análise, usamos como base alguns teóricos do pós-colonialismo e estudiosos da tradução. Mostramos como a tradução tem relação com a representação cultural, colonialismo e descolonização. Argumentamos também que *La Estrella Solitaria* é bem complexa e exige cuidado e prudência para uma análise mais detalhada de estudiosos do pós-colonialismo, pois não se pode fazer uma análise simplista e classificar a obra como colonizadora ou descolonizadora. Mais do que isso, pretendemos mostrar a relação que pode existir entre colonialismo, tradução e representação em uma obra escrita por um estrangeiro sobre a Amazônia. A pesquisa partiu de um estudo bibliográfico do livro *La Estrella Solitaria* e análise teórica sob a perspectiva pós-colonial.

Palavras-chave: Amazônia; nordestino; pós-colonialismo; tradução.

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Sessão III

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

ABORDAGENS DISCURSIVAS NAS AULAS DE REDAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Aelissandra Ferreira da Silva
aelissandraferreira@hotmail.com

O trabalho que desenvolvo, fruto de minha pesquisa de mestrado, traz uma reflexão sobre o ensino de redação de língua portuguesa em duas escolas de Rio Branco-AC; uma na rede pública e outra na rede particular de ensino, em níveis do terceiro ano do ensino médio. A pesquisa objetiva identificar e refletir sobre as propostas trazidas para o ensino de língua portuguesa pelas Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio verificando de que forma essa proposta está presente na prática docente, isto é, como o professor recupera esse dizer teórico. Pretendo observar, também, como o professor se relaciona com o conteúdo de ensino e com o aluno. Por ter o foco da pesquisa da/na prática docente do ensino médio, a AD é a disciplina que dá conta de explicar esse objeto de estudo por abordar as circunstâncias históricas e ideológicas do discurso em sujeitos socialmente localizados. O corpus da pesquisa foi coletado por meio de observações, gravações de áudio e transcrições das aulas assistidas. Na escola particular, a prática de abordagem de produção de texto dissertativo se mostrou redutiva, enfatizando, predominantemente, aspectos formais (arquétipo de texto e correção gramatical), criando, no aluno, a noção de que escrever textos é apenas reproduzir – o que gera uma concepção homogeneizante de leitor e produtor de texto. Por outro lado, na escola pública, a aula de leitura e produção de texto dissertativo demonstrou maior preocupação em identificar as ideologias presentes no texto analisado, considerando as múltiplas vozes que nos constituem e constituem o texto. Percebe-se nessa abordagem, que ler e escrever textos requer produzir sentidos e inserir-se em uma determinada formação discursiva. Dessa forma, vê-se que a principal diferença entre as práticas docentes analisadas está na forma como o professor aborda o conteúdo de ensino e, conseqüentemente, como ele se relaciona com o aluno.

Palavras-chave: Prática docente; produção textual; língua portuguesa.

PESQUISA ONOMÁSTICA: HERANÇA CULTURAL NA ANTROPONÍMIA E NA TOPONÍMIA RONDONIENSE

Alemmar Ferreira da Fonsêca
alemmar22@yahoo.com.br
Cátia Figueira Silva

O presente trabalho descreve em linhas gerais O Projeto do PIBIC/UNIR “Comunidades da Amazônia, seus nomes, sua toponímia, nossa cultura”, que tem como um dos enfoques efetuar um levantamento de frases e lexias pré-formadas, encontradas em narrativas textuais e correntes em escolas e em áreas de periferias de Porto Velho. A antroponímia e a toponímia são uma das bases mais sólidas da cultura de uma comunidade estável, e esse é um dos motivos que fizeram com que a imposição da linguagem fosse um dos pilares do colonialismo pelo mundo, uma vez que um povo sem este referencial advindo da sua língua materna torna-se um povo que começa a perder uma parte importante da sua identidade, portanto abre as portas para a imposição de valores forâneos e desagrega-se perante os interesses exógenos. Durante o levantamento dos dados, realizado por intermédio de questionários aplicados em escolas, detectaram-se diversos característicos identitários e particularidades no relacionamento com a sociedade como um todo. Acredita-se que apesar da dificuldade em abordar a questão da presença de indígenas e negros nas escolas, o tema contribui para que todos passem a conhecer e a interessar-se por “novas culturas” havidas no entorno escolar, proporcionando uma reflexão com o intuito de tentar resgatar espaços às culturas indígena e quilombola, contribuindo assim para despertar nos alunos uma melhor compreensão sobre dados de identidade cultural, conferindo dignificação, portanto valorizando a cidadania. Foi possível observar, nesses primeiros momentos, o perfil de uma forte influência indígena e negra nessas comunidades, mostrando a herança da sua cultura na antroponímia e na toponímia rondoniense.

Palavras-chave: Antroponímia; Toponímia; Cultura.

**PESQUISA FILOLÓGICA NO CURSO DE
LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE RONDÔNIA**

Ângelo Eleotério Ferreira
angeloeleoterio@yahoo.com.br
Marisa Albuquerque

Pretende-se mostrar um pouco das bases de uma pesquisa sobre a História da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), com especial destaque ao Curso de Letras, por meio de pesquisa filológica, detectando a sua vivência não apenas em documentos acadêmicos (papéis oficiais), como também, sobretudo, buscando resgatar do seu interior os elementos que dão vida e voz a pessoas por trás da escrita fria que se apresenta na redação textual. As fontes da História das Instituições estão recobertas de panfletos, jornalecos acadêmicos ou folhetos divulgativos, publicados desde a fundação da instituição, objetos de pesquisa deste trabalho. Tendo em mente que a Filologia pode ser vista como “a ciência que estuda uma língua, literatura, cultura ou civilização histórica a partir de dados escritos”, aplicaram-se as bases desta disciplina ao desenvolvimento dessa Pesquisa. Pretende-se obter dados para efetuar uma análise circunstanciada que permita compreender o seu presente e melhor planificar o seu futuro, resgatando uma história que, não resgatada, tenderia a se perder ao longo do tempo, devido ao distanciamento físico e temporal entre professores e alunos, que parecem mergulhados num cotidiano de aparência fria e estática, mas que se deparam com o seu esfarelamento diante das novidades que se lhes sobrevêm, tal como a ampliação do modelo de Educação a Distância. Os resultados de uma pesquisa documental desta natureza e de uma prática filológica desta envergadura podem favorecer conclusões de cunho epistemológico-aplicativo e podem permitir aplicar o modelo em outras instituições e organizações, sendo este Projeto portanto capaz de assim favorecer a (re)construção de realidades sociais no contexto da transparência institucional e do uso dos espaços públicos em prol da coletividade.

Palavras-chave: Filologia; Cursos de Letras; História das Instituições.

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

POVOS DA AMAZÔNIA: ELEMENTOS ONOMASIOLÓGICOS PARA UMA RECONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE ENVOLVENTE

Daianne Severo da Silva
daiannefisk@hotmail.com
Rosilene Silva de Castro

A comunidade amazônica recebe, atraída pela sua numerosa biodiversidade, um grande contingente populacional exógeno, populações variadas que acabam deixando traços de uma formação humana heterogênea, tornando-se curiosa configuração de uma sociedade envolvente dotada de caracteres demasiadamente plurais. O estudo por meio de áreas filológicas, e em particular da Ciência Onomástica, objeto de estudo das Letras, é primordial para atacar o reconhecimento das parcelas, neste contexto, pois se trata de analisar cientificamente o desenvolvimento de características linguísticas, bem como visualizar aspectos locais da cultura, como forma de resgate histórico. O objetivo deste trabalho é demonstrar a possibilidade de configurar o núcleo cultural da região amazônica através de elementos lingüísticos, especificadamente os onomásticos, pois buscando esses elementos onomasiológicos temos maiores possibilidades de obter uma progressiva (re)construção da realidade da chamada “sociedade envolvente”. Através de uma Pesquisa Bibliográfica e de Campo, catalogaram-se antropônimos e topônimos existentes em comunidades da região; detectaram-se dados que podem proporcionar a recuperação de informações que harmonizam as realidades socioculturais diferentes, possibilitando uma maior integração entre os grupos humanos. Os referenciais onomásticos, demonstra-se, são decisivos para a caracterização dos povos da Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia; Onomástica; Sociedade.

A CONSTRUÇÃO DE UM CORPUS: O /S/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA

Gracione Teixeira de Sousa
gracionne@gmail.com

Sabe-se que um trabalho de pesquisa depende, em grande parte, do corpus examinado; nesse aspecto, equívocos ou lapsos cometidos em relação aos textos, orais ou escritos, em estudo, podem comprometer de forma significativa a qualidade dos resultados. Neste trabalho, inserido no âmbito de nossa dissertação no Mestrado de Letras da Universidade Federal do Acre, temos como objetivo apresentar os critérios teórico-metodológicos referentes à construção do corpus a ser analisado na referida dissertação. Como a pesquisa está, por um lado, ancorada nos referenciais da Geolinguística, estreitamente ligada à Dialetoлогия, seguimos a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil e adotamos várias questões dos questionários semifechados, elaborados pela equipe do ALiB; contudo, tais perguntas com as respostas não se revelaram suficientes para dar conta de todos os contextos linguísticos de ocorrência do /s/ em coda silábica, objeto específico de nosso estudo. Dessa forma, com base nos parâmetros da Fonética, haja vista que a análise específica ocorrerá no plano da Fonética Articulatória (ZERLING, 1984) e da Fonética Acústica (LADFOGED, 2006), complementamos os contextos lacunares. Além da previsão dos fatores linguísticos necessários para a análise dos segmentos em questão, como, por exemplo, a natureza sonora da consoante seguinte, que irá determinar o alofone realizado, atentamos para critérios advindos da Dialetoлогия e da Geolinguística, já citadas, de forma que o corpus possa ser representativo dos falares da região em que as entrevistas serão realizadas, a regional do Purus no Estado do Acre.

Palavras-chave: corpus; fonética; /s/ pós-vocálico.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO INTÉRPRETE DE TRIBUNAL EM UMA AUDIÊNCIA BILÍNGUE

Lourival Novais Néto
lnneto@yahoo.com

Essa comunicação tem por objetivo apresentar parte da pesquisa de doutorado sobre a função do intérprete de tribunal cuja atividade é recorrente no Brasil, sobretudo na capital do estado de Roraima, Boa Vista devido a sua posição fronteiriça com a Venezuela e a República Cooperativa da Guiana. Os crimes praticados por estrangeiros não lusófonos são julgados por autoridades brasileiras com a ajuda indispensável de um intérprete. O trabalho apresenta a descrição do papel do intérprete de tribunal em depoimentos de estrangeiros em uma audiência bilíngue no Tribunal de justiça de Boa Vista, o que mostra na perspectiva da sociolinguística interacional, um sujeito que assume um caráter que lhe garante viabilidade e significado sociais. O estudo demonstrou que esse profissional desempenha e assume, na interação entre o juiz e o acusado falante do idioma inglês, um papel ativo, uma posição de destaque no interrogatório, e não um mero decodificador linguístico. Dentre as implicações, destaco para a motivação de novos estudos na área legal em outros contextos específicos com o objetivo de melhorar o desempenho e reconhecimento da atividade de interpretação de tribunal perante as autoridades e aos próprios intérpretes.

Palavras-chave: intérprete de tribunal; identidade; sociolinguística interacional.

BOLSAS DE ESTUDOS: LE, AQUISIÇÃO E PRÁTICA **BOLSAS DE ESTUDOS: LE, AQUISIÇÃO E PRÁTICA**

Maristela Alves de Souza Diniz
malvesdiniz1@ibest.com.br

O Ministério de Asuntos Exteriores y Cooperación – MAEC, junto com a Agência Española de Cooperación Internacional y Desarrollo – AECID, tem desenvolvido um programa de bolsas de estudo para que estudantes de todas as partes do mundo possam aprimorar o seu conhecimento de língua espanhola durante o verão na Espanha. O curso de Língua e Cultura Espanholas é um dos mais procurados por aqueles que se inscrevem nas bolsas e que tem o interesse de aperfeiçoar o idioma L2 e conhecer um pouco mais da cultura espanhola. Este trabalho pretende mostrar as atividades nos cursos de Língua e Cultura Espanholas realizado na Espanha por bolsistas de organizações vinculadas ao governo daquele País. Na Espanha, as atividades sócio-interativas ocorrem quase sempre na rua, daí podemos dizer que o que caracteriza de fato a cultura espanhola é a “vida en la calle”. Os cursos incluem aulas teóricas: gramática, conversação, cultura e as aulas práticas que para realizá-las é imprescindível fazer parte deste “ritual social”. O encontro em “la calle” proporciona um encontro com o espanhol da rua que, misturados com os tradicionais palavrões, expressam os mais diversos sentimentos. O estudo vai além das expressões orais e contempla também as expressões grafadas em cartazes, placas, painéis, outdoors, etc. Os cursos oferecem ao estudante estrangeiro a oportunidade de conhecer e vivenciar o espanhol informal de forma ativa. Essa medida adotada pelo governo espanhol como um incentivo de expansão da língua espanhola tem contribuído de forma significativa na aprendizagem de muitos estudantes e profissionais de LE.

Palavras-chave: língua; cursos; cultura espanhola.

AS RELAÇÕES ENTRE A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA MATERNA

Oswaldo Barreto Oliveira Júnio
osvaldobojr@hotmail.com

A partir das concepções sobre letramento social defendidas por Luiz Antônio Marcuschi (2001), Marcos Bagno (2002) e Magda Soares (2007), - que asseguram que a aprendizagem linguística pode acontecer tanto em contextos formais, mediante ensino, quanto em contexto informais, através das situações cotidianas de intercâmbio lingüístico que levam o sujeito a desenvolver práticas de uso da língua – este artigo visa discutir a correspondência entre os processos de aquisição (alfabetização) e desenvolvimento (letramento) da língua materna em suas modalidades oral e escrita, tomando como referência as novas demandas pelos usos sociais da leitura e da escrita no Brasil, que foram impulsionadas pelo processo de urbanização do país ocorrido, sobretudo, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Nesse intuito, busca-se relacionar, de forma reflexiva, a aprendizagem linguística fomentada pela escola àquela que o sujeito desenvolve no convívio social, a fim de argumentar que tanto a língua oral quanto a escrita são imprescindíveis à interação verbal.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; oralidade; leitura; escrita.

*II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricaas e as
Áfricaas na Pan-Amazônia”*

ENTRE FALAS E ESCRITAS: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICA DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR, NUMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Rivanda dos Santos Nogueira
risnogueirar@bol.com.br

O exame vestibular exige, em uma de suas fases, a produção de uma dissertação argumentativa e apresenta como parâmetro a norma culta da Língua Portuguesa, o que pressupõe um discurso acadêmico que, historicamente, é diferenciado da oralidade. Neste sentido, Fávero (2007: 69) postula que, apesar de pertencerem a um mesmo sistema linguístico – a Língua Portuguesa -, a fala e a escrita “apresentam distinções porque diferem nos seus modos de aquisição; nas suas condições de produção, transmissão e recepção; nos meios através dos quais os elementos de estrutura são organizados”. O presente trabalho trata-se de um exercício inicial de investigação do processo de identificação de marcas expressivas de oralidade, proposto no Projeto de Dissertação intitulado *Redação do Vestibular: entre a Oralidade e a Escrita*, apresentado ao Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, objetivando investigar a ocorrência de marcas da oralidade em dissertações feitas para o exame de vestibular. O corpus dessa análise é composto por uma redação produzida por candidato(a) do Curso de Letras Francês, por ocasião do Exame Vestibular UFAC 2009. O fio teórico condutor deste trabalho investigativo é a Linguística Sistêmica-Funcional, (Halliday, 1994; Halliday & Matthiessen, 2004).

Palavras-chave: linguagem oral/escrita; linguística sistêmico-funcional.

A CONCORDÂNCIA VERBAL: UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGÜÍSTICA DE RIO BRANCO - AC (1997 - 2009)

Rosseline Muniz e Silva
rosselinem@yahoo.com.br

A presente pesquisa, em andamento, busca investigar e analisar a concordância verbal nas construções frasais realizadas por falantes rio-branquenses, através de um estudo comparado/diacrônico. A concordância verbal no português brasileiro tem-se mostrado propensa à variabilidade como foi comprovado através de vários estudos e particularmente em Rio Branco com o estudo de Rodrigues (1997). O fenômeno em questão será investigado sob a perspectiva diacrônica, possibilitando assim uma análise em tempo real e tempo aparente, observando as diferenças no comportamento lingüístico de gerações diferentes de falantes em momentos distintos, e como refletiram no desenvolvimento do português brasileiro. Os dados a serem trabalhados neste estudo serão registros de entrevistas semi-estruturadas, gravadas para a análise da regra variável na modalidade falada e fazem parte do material gravado do banco de dados do projeto Ecossistema Lingüístico do Acre, ao qual serão acrescentados novos dados de gravações a serem realizadas no desenvolvimento da pesquisa. A amostra é aleatória estratificada, sendo dividida a população em células compostas de indivíduos com as mesmas características sociais a partir disto serão analisados os fatores lingüísticos e extralingüísticos. O modelo teórico metodológico que orienta este trabalho é a Sociolingüística Variacionista (laboviana, quantitativa), que abraça a crença de que toda mudança implica um período de variação passível de sistematização e, uma vez implementada, produz reflexos no sistema lingüístico e social. Esta análise de como a comunidade de fala rio-branquense se comporta frente à escolha das variantes no uso de verbos poderá fornecer dados que atestem ser esse fenômeno uma característica atual do português brasileiro, para isso será realizado um estudo diacrônico entre as décadas de 1900 e 2000.

Palavras-chave: sociolingüística; variação; concordância verbal.

LINGUAGEM JURÍDICA E ACESSO À JUSTIÇA O PAPEL DAS EXPRESSÕES EM LATIM NAS SENTENÇAS DOS JUIZADOS CÍVEIS DE RIO BRANCO/AC

Rozani Albuquerque de Lima
rozani.al@gmail.com

Todos os campos científicos contam com uma linguagem técnica, no âmbito da qual, muitas vezes, o leigo se vê alheio à comunicação, embora esteja em meio a falantes de sua língua nativa. Isso ocorre frequentemente quando se trata da ciência jurídica, em que essa peculiaridade lingüística, tão notada entre a sociedade, já ganhou inclusive a popular denominação “juridiquês”. O texto jurídico, sobretudo o escrito, é rebuscado, às vezes marcado pelo arcaísmo e ainda reúne expressões em latim, como, por exemplo, *fumus boni juris*, *periculum in mora*, *mandamus*, *inaudita altera parte*, que normalmente não pertencem ao universo lingüístico do homem comum. No presente estudo, propomos, como experimento piloto de dissertação a ser desenvolvida no Mestrado de Letras da Universidade Federal do Acre, uma análise da ocorrência de expressões latinas em quatro sentenças de processos dos juizados especiais cíveis de Rio Branco/Ac, especificamente em casos nos quais as partes, presumidas leigas na ciência jurídica, atuam sem representação por advogado. Mais precisamente, comparamos, no que se refere a esse aspecto da linguagem jurídica, duas sentenças produzidas no ano de 1998 e duas no ano 2008, havendo uma década de espaço temporal entre elas, portanto. A julgar pelo discurso que se formou em torno da facilitação do acesso à justiça, principalmente nos meios acadêmicos (ANDRADE, 2007; WATANABE, 1998), mas também no âmbito jurídico, seria possível esperar que as sentenças recentes estivessem voltadas para uma linguagem menos hermética, mais ao alcance dos não especializados.

Palavras-chave: linguagem jurídica; latim; acesso à justiça.

A ONOMÁSTICA NOS ESPAÇOS TRADICIONAIS E PERIFÉRICOS E A SUA EVOLUÇÃO CULTURAL

Vanilce Gomes de Sousa
vanilcegsousa@gmail.com
Aristeu Garibalde da Silva Filho

A visualização da evolução histórica da toponímia e da antroponímia de Porto Velho propicia uma aproximação para um entendimento das circunstâncias humanas da ocupação territorial do próprio Estado como um todo. Pode-se compreender a vivência sociocultural de partes da sociedade de Rondônia partindo da busca da compreensão da justificativa da existência dos nomes atuais em cada lugar e assim chegar a um melhor entendimento do processo histórico das comunidades. Em termos de fontes, em alguns casos podemos valer de recortes de jornais, folhetins, revistas e contos literários dos habitantes da localidade ou consultados em acervos públicos, para verificar alguns dados da história do lugar, e obter assim uma prévia construção do contexto da formação regional. Noutros momentos necessita-se ir a campo, para saber como está decidida na prática a perenização das denominações nos locais tradicionais de antiga ocupação nas cidades. Os nomes das pessoas podem nos proporcionar buscar uma recuperação de uma realidade mais ampla; por exemplo, comprovando a existência de pessoas no território há muito tempo, recuperando assim a sua dignidade histórico-cultural e alguns dos seus direitos expropriados. Hoje grande parte das localidades já está com seus nomes originários modificados, porque conforme os novos habitantes vão chegando e se apropriando do território, vão admitindo novas nomenclaturas, e a ausência de um poder público voltado a este tema não permite que se recuperem as marcas dos ocupantes primordiais, antes do processo de colonização e de ocupação incentivada das cidades, até porque as pessoas nem sempre deixaram um registro adequado. Cada povo tem a sua cultura própria e ela se manifesta por marcas muitas vezes perdidas ou descaracterizadas, perdendo-se as lembranças de uma origem mais primeva. A Onomástica desvenda este tipo de evolução cultural encoberta, seja nos espaços tradicionais seja naqueles fruto de uma ocupação desordenada nos espaços periféricos das grandes cidades.

Palavras-chave: sociedade; toponímia e antroponímia; cultura; colonização.

*II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as
Áfricas na Pan-Amazônia”*



Sessão IV

Sessão IV

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

**ENTRE AS LINGUAGENS E
IDENTIDADES INDÍGENAS: A LÍNGUA
PORTUGUESA NO IMAGINÁRIO NOKE
KOI E NUKINI**

Antônio Cláudio Brito do Nascimento
britodonascimento@hotmail.com

A proposta deste trabalho é propor uma reflexão sobre o processo de construção das linguagens e identidades do povo Noke Koi e Nukini, procurando compreender os caminhos pelos quais a língua portuguesa ganha terreno no imaginário cultural deste povo. Para estudar a questão aqui focada, elegemos como tema de estudo o relato da experiência de ensino junto aos professores e alunos indígenas da escola Yositi Shovo Tamākãyã, localizada às margens da BR-364, no Município de Cruzeiro do Sul e da escola Pedro Antônio de Oliveira, situada no Rio Moa, no Município de Mâncio Lima. Desta forma, uma de nossas propostas analíticas é a de que o ensino de língua portuguesa, nas terras indígenas, deve partir da discussão e planejamento com a participação dos pares envolvidos a fim de melhor aproximar os estudantes dos objetivos do ensino escolar de língua portuguesa nas comunidades. Isto é, investigar os processos de contatos como meios de construção das linguagens e identidades no imaginário lingüístico dos Noke Koi. Enquanto uma tentativa de reflexão sobre os processos de contato, choques entre línguas e culturas, apontamos, a título de conclusão provisória, que o trânsito de línguas pelas terras indígenas evoca a representação de ritos e práticas imemoriais que se deixam revelar pelas linguagens e identidades móveis que constituem o local de cultural que analisamos: a escola indígena.

Palavras-chave: ensino; leitura; língua.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INDÍGENA: COMO SERIA ESSE CAMINHO?

Anna Lúcia Leandro de Abreu
annaludia@ibest.com.br

A Formação Educacional Indígena é resultado das necessidades das populações indígenas diante das transformações sociais e culturais vividas por esses povos. Deve ser pautada por um diálogo intercultural, interdisciplinar e interinstitucional. Sendo que esse processo de formação educacional passa pela questão de uma legislação educacional não direcionada a atender às necessidades das comunidades indígenas, sem respeitar em sua totalidade o que está proposto na constituição federal brasileira, que a escola deve desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades. (inciso III do art. 79). O presente estudo se ocupará em discutir sobre aspectos da Educação Indígena, mais especificamente a Educação Profissional Indígena praticada no âmbito do Estado do Acre. Buscando discutir a necessidade de ampliar olhar a esse universo pouco conhecido da Educação Indígena, que requer maior e mais intenso envolvimento por parte dos sujeitos discursivos que dela se ocupam. E como os discursos e vozes presentes na legislação educacional brasileira delimitam que sujeito histórico a de ser (re) apresentado por essa formação “ofertada”. Tendo como corpus de trabalho as políticas públicas de Educação Profissional voltadas para essas comunidades propostas pelo governo.

Palavras-chaves: Povos Indígenas; Educação Indígena; Educação Profissional Indígena; Análise do discurso.

O LUGAR DO ALUNO INDÍGENA NO CONTEXTO DA UFRR E OS CONFLITOS QUE ENFRENTA AO INSERIR-SE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Elisângela Andrade do Nascimento
elisangela_mtc@yahoo.com.br

A inserção dos indígenas no ensino superior, dentre outros aspectos, surge como projeto de ação afirmativa que se propõe pagar uma dívida histórica com os povos indígenas. Mas é necessário que se analise como se dá essa “política compensatória”, tendo em vista a permanência dos indígenas na universidade para que esse projeto seja plenamente efetivado. O presente trabalho discute sobre os conflitos e as dificuldades que os povos indígenas enfrentam em relação ao acesso e permanência no ensino superior, choque cultural e formação de fronteiras simbólicas, com foco na questão da identidade, linguagem e representação social. Nosso objeto de estudo é o pré-vestibular indígena E’ma Pia, da Universidade Federal de Roraima – UFRR. O procedimento que adotamos para a pesquisa foi à descrição densa de GEERTZ (1989), a fim de inscrevermos por meio de entrevistas semi-estruturadas o discurso como um acontecimento. A pesquisa nos permitiu constatar que os discursos produzidos por alunos não-indígenas de alguns segmentos da UFRR criaram fronteiras simbólicas, legitimando uma identidade e se constituindo em fator de desistência dos alunos indígenas, pois essas fronteiras determinam o lugar em que, na consciência dos grupos, cada indivíduo deve estar e se legitima pelo estabelecimento de formas de relações de poder e de representações por meio dos sentidos discursivos, da linguagem que nos relacionamos a qual nos identificamos e nos constituímos, dando sentido aos sentidos (ORLANDI, 2007). Isso possibilita um grupo representar o outro de forma diferente, ou seja, estigmatiza o outro tendo como base para isso sua identidade.

Palavras-chave: educação indígena; ensino superior; identidade.

O CORPO INDÍGENA NA ESCRITA DE RESSUSCITADOS – DE RAIMUNDO MORAIS (1938)

Joelma da Silva Mourão
joelma.mourao@hotmail.com
Simone de Souza Lima

Da trama de *Ressuscitados*, romance de Raimundo Morais – sobressai-se um episódio violento e bizarro: a história de uma índia que foi sequestrada de sua tribo ainda bebê, teve sua mãe assassinada e que subitamente aparece no seringal Sta. Clara do “Capitão José Alves Ferreira”, um cearense quase analfabeto que veio menino para essas terras, contudo, conseguiu enriquecer, no corte da seringa e produção da borracha. Zé Alves era um homem solitário e com a chegada da índia sua vida transformase. Ele a cria como filha. Corina aos oito anos foi mandada para Belém, estudar numa educação para mulher, permanece por lá até seus dezesseis anos, quando chegam rumores no seringal de sua excelente educação e formosura. Então, seu “pai”, Zé Alves vai à Belém buscá-la e, ao vê-la tão bela e educada, o amor fraterno dá lugar ao amor carnal e, ele a pede em casamento. Chegam ao seringal, não mais “pai e filha” e sim “marido e mulher”. Mas, ela nunca esqueceu sua origem e pretende libertar-se. A personagem autóctone tem sua vida alterada, seu corpo marcado pela cultura do dominante, pelo desejo do “seu dono”, mas teve escolha: adquirir a cultura do dominante ou resisti-la. O episódio será analisado por nós como uma ficção autônoma que tece representações conflituosas entre corpos – vistos como lugar de contradições, negociações, coação. A personagem será vista como corpo desejado pelo seringalista, uma memória ferida, originária de uma geografia cuja representação se elabora no plano do fictício, do imaginário e, nas relações de gênero, entre homens e mulheres – nada mais que construtos sócio-culturais. Entretanto, historicamente, engendraram relações de dominação determinantes no simbólico universo das narrativas amazônicas.

Palavras-chave: representação; gênero; corpo.

INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA CULTURA INDÍGENA AMAZÔNICA

Lucinéia Miranda Sanches
neia_unir@hotmail.com
Júlio César Barreto Rocha

A globalização é um processo de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política entre parcelas sociais, e possui como um dos resultados maior comunicação entre os povos do mundo no final do século XX e início do século XXI. As principais características da globalização são a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais, uma cultura de massa universal, entre outros –porém discordamos que haja uma hibridização completa entre culturas populares locais, como cosuma se dizer, pois sobe à tona uma valorização do local diante da invasão do global. Assim, se parece que o Planeta está ficando menor, e este crescimento causa preocupação, pois acaba fragmentando os valores locais, as fronteiras culturais tornam-se um estímulo para o renascer das diversidades perante o cenário de homogeneização cultural. Os índios da Amazônia ocuparam a América bem antes da chegada do europeu. Submetidos à escravidão, começaram as transformações culturais a princípio pelo modo de trabalho, e perda dos valores, em seguida na perda da língua própria. Contudo, se hoje é comum vê-los com telefone celular, computador etc., isso não significa que percam com isso os seus referenciais, mas que podem, através destes meios tecnológicos, potencializá-los e assim buscar uma política de recuperação e depois de conservação da sua cultura.

Palavras-chave: globalização; cultura; Amazônia.

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

NAS FRONTEIRAS DAS LINGUAGENS AMAZÔNICAS: LÍNGUA PORTUGUESA, MEDIAÇÃO E INTERCULTURALIDADE COM POVOS KAXINAWÁ E KATUQUINA

Ocimar Leitão Mendes
Amilton José Freire de Queiroz
amiltqueiroz@hotmail.com

Esta comunicação é um relato da prática pedagógica do ensino de língua portuguesa vivenciada junto a professores e alunos indígenas das etnias Huni Kui e Katuquina, povos indígenas da família lingüística pano que apresentam diferentes situações sociolingüísticas. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é pensar a dinamicidade que se estabelece com os trânsitos, as fronteiras ou resistências entre a condição lingüística e cultural relacionada em parte com a situação de contato permanente com sociedade envolvente. De outro lado, o estudo versa sobre as fronteiras culturais construídas na relação com “outro”, seja o nawa ou de outra etnia. Nosso foco em relação a tudo aquilo que se pode designar de “contatos culturais” centra-se preferencialmente nas reflexões sobre a própria língua e outras linguagens, em geral, ou sobre a circulação de idéias e de imagens de toda a natureza que povoam os conjuntos simbólicos da língua portuguesa, que é permeada pelo prestígio e relacionada ao contato político e comercial com o não-índio.

Palavras-chave: língua; interculturalidade; Amazônia.

DIREITOS LINGUÍSTICOS E POVOS INDÍGENAS: REPENSANDO AS RELAÇÕES INTERÉTNICAS NO ÂMBITO DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
phelena2005@gmail.com
Júlio César Barreto Rocha
jbarreto.rocha@gmail.com

As relações entre os Povos Indígenas e o Estado brasileiro foram redefinidas pela Constituição Federal de 1988, quando ficou reconhecido aos indígenas, dentre outros direitos, o direito linguístico, ou seja, o direito à sua organização social, postularem os próprios costumes e línguas e a receber o ensino também na sua língua. Se levarmos em conta a perspectiva internacional, perceberemos que, muito antes da Constituição Federal, instrumentos internacionais já se preocuparam com os direitos linguísticos das chamadas minorias étnicas no contexto dos Estados nacionais. Apesar do reconhecimento expresso na Constituição Federal, verifica-se que os direitos linguísticos estão ainda por irradiar seus efeitos na prática do Estado brasileiro e da sua Administração Pública. A cidadania dos povos indígenas passa pelo reconhecimento efetivo dos seus direitos linguísticos. Em vista do nosso ordenamento jurídico e dos instrumentos internacionais em matéria de direitos humanos, cabe ao Estado brasileiro oferecer todos os meios para que os povos indígenas exerçam mais esse direito. A importância de refletir sobre este tema está vinculada ao acesso aos direitos cidadãos dos povos indígenas, embora na prática vejamos que o desconhecimento das suas línguas pela administração pública ainda seja um obstáculo para se alcançar plenamente o desfrute dos seus direitos. Os autores realizam uma reflexão a partir da sua experiência na temática dos Direitos Indígenas e da Ciência Onomástica, tendo como ponto de apoio a rica experiência do Projeto Piloto Registro Civil de Nascimento dos Povos Indígenas no Estado do Amazonas (parceira da Secretaria Especial de Direitos Humanos e Projeto Rondon) e do Grupo de Pesquisa sobre toponímia e antroponímia em comunidades da Amazônia (PIBIC/CAPES), da Universidade Federal de Rondônia.

Palavras-chave: direitos linguísticos; onomástica; povos indígenas.

A FADIGA DE BENÉ KAXINAWÁ NO JOGO DO TERMO ESTRANGEIRO: “EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA”

Paulo Roberto Nunes Ferreira
paulorobertonf@terra.com.br

O solo etnográfico dessa comunicação é o indigenismo da educação escolar no Acre (Brasil-Amazônia) na sua última década. Privilegiadamente, tratar-se-á da elaboração de projetos político-pedagógicos entre os anos de 2006 a 2007 em aldeias dos Kaxinawá, doravante chamados de Huni Kuin, sua auto-denominação. Em intercurso, estarão subjetividades distintas e complementares que, estranhadas e distanciadas serão posteriormente familiarizadas e, à moda indígena, “transfeitas”. A reflexão se dará à luz gradiente da identidade e alteridade, num curso que vai do mais interior ao mais exterior, do corpo de parentes aos universos dos Outros. Em contato, indígenas e indigenistas, brancos e índios, instituições estatais e entidades não-governamentais. Uma disputa velada se coloca, a saber: o estatuto epistemológico da educação escolar indígena. Em meio a este prélio, os Huni Kuin que, já “estafados” pelo conflito e atentos a nova linguagem para suas lutas – a cultura – afirmam em 2006, num curso de formação de professores, a obsolescência da noção de “educação escolar indígena”. Ao soar desgastada tal noção, à escuta, “um novo” surgiria: “educação Huni Kuin”. Agudo, esse “som” parece ter abalado o corolário desse campo indigenista. Eis uma proposta indígena de “torção” de conceitos que será tema de análise. Porquanto, qual é a potência antropológica e educacional de uma escola que se diz Huni Kuin e não Kaxinawá ou indígena? Para eles, conhecer é francamente análogo a estabelecer contato. Interno e externo não são confundidos com a polaridade aldeia versus cidade. O que está em pauta são pessoas, coisas e suas interações, sobretudo, traduzidas em conhecimento e seres familiarizáveis. O interior não exclui o exterior, ao contrário, dele compõe-se. Nesse sentido, poderá a antropologia e o indigenismo, inverter a ordem de suas variáveis e refletir sobre a noção de interação social indígena e não sobre a escola como forma de interação entre os índios?

Palavras-chave: huni kuin; educação; sociabilidade.

*II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as
Áfricas na Pan-Amazônia”*



Sessão V

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

*II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as
Áfricas na Pan-Amazônia”*

**LIQUIDO-ME: FRAGMENTAÇÃO E
UNIVERSALIZAÇÃO DE CORPOREIDADE
– A MULTITERRITORIALIDADE DE
LEILA JALUL**

Carlos André Alexandre de Melo
carlos.melo@uninorteac.com.br

Com a comunicação, pretende-se abordar a análise da multiterritorialidade que marca os processos de desconstrução do sujeito no poema *Liquido-me*, assim como a trajetória do eu poético no livro *Absinto Maior*, de Leila Jalul (2007). No poema, ao se destituir dos elementos que findam por definir sua identidade, o sujeito se acha em si, fora do mundo que lhe foi dado e, paradoxalmente, imerso no mundo inteiro que se lhe incorpora pela refiguração de si, movimento tornado claro nos poemas que o seguem ao longo do livro. De acordo com Haesbaert (2004), a multiterritorialidade refere-se à capacidade de “acessar ou conectar diversos territórios”, interagindo com “uma diversidade ou um conjunto de opções muito maior de territórios/ territorialidades”, acionando diferentes territorialidades, permitindo ao indivíduo ou grupo social uma forma singular de experimentação/reconstrução do seu território, entendido aqui como a corporeidade do sujeito poético, ou sua maneira de se utilizar do corpo para interagir com o mundo.

Palavras-chave: poesia; multiterritorialidade; corporeidade.

PAISAGEM E IDENTIDADE NA POESIA DE RORAIMA DAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Cátia Monteiro Wankler
catia.wankler@pq.cnpq.br

Roraima é um ambiente peculiar, cuja população é bastante heterogênea, motivo pelo qual é difícil perceber o que seria uma identidade roraimense. A Literatura de Roraima é bastante rica e reflete a pluralidade cultural da região. Seus textos, especialmente os poéticos das décadas de 1980 e 1990, apresentam forte vinculação com os elementos da vida e da paisagem locais. Neste sentido o projeto de pesquisa intitulado “Paisagem e identidade na poesia de Roraima das décadas de 1980 e 1990”, financiado pelo CNPq, pretende divulgar a poesia do período abordado e produzir dados e discussões cientificamente embasadas acerca da arte e da cultura regional apoiando-se teórica e metodologicamente na história oral, para suprir as lacunas deixadas pela inexistência de documentos impressos, e na geografia cultural, que lida com as relações subjetivas e simbólicas entre homem e paisagem. Seu objetivo maior é determinar o grau de engajamento da poesia de Roraima das décadas de 1980 e 1990 na construção e/ou afirmação de uma identidade cultural a partir da relação entre texto literário e representação da paisagem. O presente trabalho visa expor e discutir a questão, apresentando resultados parciais do referido projeto.

Palavras-chave: identidade; Roraima; poesia.

TELEJORNALIS – A SERVIÇO DA (DES)INFORMAÇÃO?

Grassinete C. de Albuquerque Oliveira
grassinete@uol.com.br

Esta presente comunicação visa compartilhar um estudo de caso feito com o discurso presente nos telejornais veiculados pela televisão brasileira. Inicialmente, a proposta era perceber como o discurso de informação encontra-se presente nesses jornais televisivos e se eles realmente funcionam como instrumentos que moldam o pensamento crítico a serviço do poder ou se permitem que o telespectador/sujeito forme conceitos próprios sobre o que estão assistindo. Neste ínterim, utilizo os pressupostos teóricos referentes à Análise do Discurso da linha francesa de Michel Pêcheux e Michel Foucault, que consideram que o discurso implica em uma exterioridade à língua, ou seja, refere-se não apenas a aspectos lingüísticos, mas, principalmente, a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando são pronunciadas e que se encontram nos constantes embates nas mais diferentes situações comunicativas (Fernandes: 2007). Também emprego a teoria do Gênero do Discurso de Mikhail Bakhtin (1953-2003) que suscita que os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados e se localizam em situações comunicativas específicas. Por fim, esse estudo se justifica na medida em que propõe fazer uma reflexão sobre como o sujeito percebe esses discursos e se interfere ou não na construção da sua própria identidade.

Palavras-Chaves: discurso; sujeito; identidade

ÉTICA E ESTÉTICA, LINGUAGENS SIGNIFICATIVAS?

José Carlos Mendonça
jcfilos.mendonca@gmail.com

No presente trabalho objetiva-se abordar a compreensão e o papel da ética e da estética à formação e à identidade humana, a partir do arcabouço teórico wittgensteiniano, indagando sobre as condições de possibilidades da constituição destas enquanto linguagens significativas. Para tal, faz-se necessário esboçar a natureza da filosofia em Wittgenstein para que, então, se possa compreender a concepção de linguagem e, assim, a partir de tal concepção, localizar e identificar a natureza constitutiva da ética e da estética e a contribuição destas à formação e identidade humana. Assim sendo, esboçar-se-á a noção de ética e de estética wittgensteiniana, no que toca à significação, problematizando assim o estatuto teórico da atividade destas dentro da crítica que Wittgenstein imprime à Linguagem, a saber, aquilo que somente pode ser dito e somente pode ser mostrado. Neste sentido, na proposta wittgensteiniana, em um primeiro momento a Ética e a Estética são tratadas em função de seus conteúdos, os valores, e é por isso que as questões levantadas neste domínio são pseudoquestões, isto é, ambas estão fora do mundo e não podem ser expressas pela linguagem; o que, em um segundo momento, as mesmas questões serão abordadas por Wittgenstein sob a perspectiva de jogos de linguagem e de regras lingüísticas de sua expressão. O que se questiona é: É possível pensarmos a Ética e a Estética, não pela linguagem, se os valores não podem ser ditos e significados pela mesma no mundo? E, ainda, quais as implicações de tais princípios quando pensamos a formação e a identidade humana?

Palavras-chave: linguagem; valores; formação humana.

V’NOSSO LUGAR NO MUNDO!’ : ANÁLISE SEMIÓTICA DE UM PANFLETO TURÍSTICO DO ESTADO DO ACRE

Juliana dos Santos Lima
juliana.slima@uol.com.br

Francisco Osvanilson Dourado Veloso

Com o avanço tecnológico, os recursos multimodais ganharam espaço e vários pesquisadores da linguagem (Kress e van Leeuwen, 1996, 2001, 2002; Royce & Bowcher, 2007; Baldry & Thibault, 2006) têm investido suas pesquisas nos elementos que compõe o discurso. Este subprojeto tem como objetivo analisar a semiose que é apresentada nos panfletos turísticos do Acre, que inclui imagens, organização de página, cores, material utilizado na produção, linguagem verbal que compõe a mensagem. Com base no conceito de multimodalidade de Kress & van Leeuwen, a utilização de diversos recursos semióticos na produção de significação, (Kress & van Leeuwen, 2001) e Barthes em retórica da imagem analisou-se panfletos turísticos do Estado do Acre. O objeto de pesquisa são os folhetos turísticos que são confeccionados pela Secretária de Turismo e Ministério do Turismo do Estado. A distribuição se dá pelo posto de atendimento ao turista e Secretária do Turismo, localizados no centro de Rio Branco e no Estádio Arena da Floresta, respectivamente. O processo de semiose dá ênfase aos aspectos da natureza, sempre associando o Estado à Floresta Amazônica, é isso é feito através da escolha das imagens, que ressaltam o artesanato local, cultura indígena e outras características relevantes para o processo de reconstrução de identidade do Estado do Acre.

Palavras-chave: análise do discurso; multimodalidade; semiótica.

DISCURSO, CONSENSO E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES NA MÍDIA ACREANA

Luciana Sarquiz de Oliveira
luciana.sarquiz@gmail.com

O presente trabalho constitui-se na análise do discurso veiculado na propaganda governamental acreana, executada no período compreendido entre os anos de 1999 a 2006, bem como da contribuição de tais estratégias discursivas para a construção da imagem do então governador Jorge Viana e de sua gestão conhecida como Governo da Floresta. Ao investigarmos em que medida a publicidade desse governo figurou como importante elemento de legitimação e manutenção do poder foi possível apreender a “transfiguração” ficcional da realidade, em especial, na utilização de alguns símbolos – como o hino, a bandeira e monumentos históricos – que receberam novos significados, possibilitando outras leituras sobre seu conteúdo ideológico e a lógica de uma “tradição de acreanidade” daí decorrentes. Abrimos então um debate a respeito da ideologia presente nesse aparato simbólico empregado pelo poder executivo estadual, no sentido de forjar um modelo de identidade capaz de gerar engajamentos e consensos. Nesse intuito, utilizamos como instrumental teórico a Análise do Discurso de linha francesa através da apreciação de enunciados e materiais icônicos e simbólicos em geral, buscando reconstituir os possíveis percursos de sentido de tais formações discursivas. Ainda nessa direção, utilizamos também os conceitos de Poder Simbólico de Pierre Bourdieu e de Hegemonia de Antônio Gramsci, analisando também as mútuas influências ocasionadas pela estreita relação entre os meios de comunicação de massa e o governo estadual no que concerne à construção da imagem pública do referido governo.

Palavras-chave: discurso; identidade; consenso.

CAPACIDADES DE LINGUAGEM UTILIZADAS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE LEITURA DO GÊNERO TIRAS EM QUADRINHOS MODELIZADO EM UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

Marileize França
marileizemattar@hotmail.com

Com base na concepção de que os aprendizes utilizam três capacidades de linguagem (ação, discursiva e lingüístico-discursiva) no processo de construção do conhecimento de leitura (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004), essa comunicação tem como objetivo analisar as atividades de leitura, Compreensão Inicial e Final, inseridas em uma seqüência didática em torno do gênero tiras em quadrinhos com o intuito de verificar de que forma estas capacidades foram contempladas, viabilizando, assim, uma prática de leitura mais significativa, tornando os alunos capazes de refletir e agir conscientemente dentro da sociedade em que vivem. A seqüência didática, “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p.97), foi desenvolvida a partir de concepções sócio-históricas dos processos de aprendizagem-e-desenvolvimento (VYGOTSKY, 1930, 1934) e da linguagem (VOLOCHINOV, 1929; BAKHTIN, 1953), da noção de leitura crítica como prática contextualizada de uso e reflexão sobre a linguagem (PCN-LE e OCEM-LE) e na transposição e modelização didática de gêneros (SCHNEUWLY, DOLZ et al, 2004), e aplicada em uma turma de 6ª série no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, como etapa da pesquisa de Mestrado intitulada A Construção do processo de leitura em língua inglesa na 6ª série do Ensino Fundamental a partir do gênero Tiras em quadrinhos. Dessa forma, pretendo discutir que capacidades de linguagem foram mobilizadas em atividades de Compreensão Inicial e Final inseridas na SD e como estas capacidades contribuíram para o desenvolvimento da compreensão escrita do gênero tiras em quadrinhos.

Palavras-chave: seqüência didática; capacidades de linguagem; gêneros.

Caderno de Resumos

VEREDAS POÉTICAS DE JUVENAL ANTUNES

Rauana Batalha Albuquerque
rauanaba@hotmail.com

A poesia é uma forma de expressão humana das mais antigas. Por meio dela, o poeta, definido por Ezra Pound como “antena da raça”, deixa vislumbrar sua mundividência, seus sentimentos, seus passos dados ou possíveis em tempos e espaços determinados. Juvenal Antunes foi um sujeito que escolheu percorrer essa mesma trilha. A poesia juvenalina constitui-se objeto pouco refletido, mas terreno fértil para a análise literária e suas relações com o contexto em que o sujeito se insere. Sendo assim, este estudo, em fase inicial, tem o objetivo de analisar as principais características temáticas e estéticas da poesia de Juvenal Antunes, bem como verificar o diálogo que se estabelece entre ela e a história, cultura e sociedade amazônica e nordestina – ambiências das quais o poeta fez parte. O corpus a ser analisado trata de poemas encontrados em jornais, livros e artigos de acervos públicos e particulares. Investigações preliminares apontam a trajetória poética do autor composta de momentos em que variam as preferências temáticas e estéticas, que vão de sonetos nos moldes parnasianos a quadrinhas populares.

Palavras-chave: poesia; Juvenal Antunes; análise literária.

**TIRINHAS: UMA PRÁTICA DE LEITURA
NA 8ª SÉRIE DA ESCOLA E.E.F. E M. 15
DE JUNHO**

Roseli Adriani da Silva
rose.adrilima@gmail.com

Sabemos que a linguagem faz parte da vida do ser humano desde os primórdios, sendo ela oral, escrita, gestual, gráfica e etc. porém, cada uma delas foi desenvolvendo-se e aprimorando-se com o passar do tempo. Quando o homem não tinha ainda uma linguagem alfabética, ele utilizava gravuras, conhecidas como pinturas rupestres, nas paredes das cavernas para contar os seus feitos. Atualmente, temos uma forma de comunicação conhecida como Tirinhas que utiliza largamente os recursos gráficos para elaboração de suas mensagens, usando de forma melhorada a leitura e escrita utilizada por nossos antepassados. No presente estudo, propomos uma análise dos benefícios da leitura de tirinhas no processo de ensino/aprendizagem, com a pretensão de verificar a desenvoltura oral e escrita dos leitores desse gênero, já que se trata de um gênero que aborda de uma forma sutil e inteligente diversos temas, possibilitando ao leitor a decodificação não somente das palavras expressas, mas também do que foi dito nas entrelinhas. Além disso, pretendemos investigar se há diferença de nível de análise crítica de uma tirinha entre leitores e não-leitores desse gênero, já que tirinhas é uma forma de leitura apreciada por grande parte dos alunos por ser curta, trazer ilustrações e outros recursos que complementam a mensagem a ser transmitida. Ademais, por tratar-se de um estudo exploratório, visa a analisar através de atividades desenvolvidas com leituras de tirinhas a verificação da importância da mesma quanto fonte de prazer e entretenimento. Sendo que, para comprovação das hipóteses, necessitamos da utilização de conceitos teóricos da análise do discurso (Bakhtin) além de estudiosos relacionados à práticas de leituras.

Palavras-chave: tirinhas; leitura; ensino/aprendizagem.

ORALIDADE, MEMÓRIA E DISCURSIVIDADE

Valéria Barbosa Ferreira Silveira
valeria.silveira@hotmail.com
Maria do Perpétuo Socorro Calixto Marques

Esta comunicação objetiva apresentar uma análise realizada sobre o poema “A velhice” de Olavo Bilac, recitado por uma entrevistada, aos noventa e quatro anos de idade, para o Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem-GAEL. Pretendemos observar, no poema recitado, as marcas da memória e do esquecimento, as pistas da oralidade e a discursividade percebida na posição social que este sujeito ocupa enquanto criança, na época em que teve acesso a este texto e idosa, no momento em que concede a entrevista. Como ferramenta teórica, utilizaremos Sholles e Kellogs quanto às marcas da oralidade, Jacques Le Goff para pensarmos a memória e o esquecimento e Bakhtin para os elementos discursivos e posição social.

Palavras-chave: oralidade; memória; discurso.

*II Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as
Áfricas na Pan-Amazônia”*



Sessão VI

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O SABER DA EXPERIÊNCIA NAS NARRATIVAS DOCENTES: A CENA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Andréa Maria Favilla Lobo
vralvim@yahoo.com.br
Valeska Ribeiro Alvim

A emergência de manifestações teatrais no Estado do Acre foi marcada por características de resistência e crítica social. Os movimentos que se consolidaram a partir do final dos anos 70 por meio das produções teatrais de grupos amadores imprimiram, principalmente em Rio Branco, um cenário propício para que o fazer artístico se tornasse também espaço de produção de saber sobre essa linguagem. Nesse cenário, surgem também processos de formação profissional. São deslocamentos gerados pelo ir e vir entre espaços de produção de saberes sobre teatro e os processos que contribuem para a formação dos sujeitos que atuam nesse campo. Um dentro e fora da escola, da Universidade, dos espaços culturais, das casas de espetáculo e dos grupos teatrais. O objetivo dessa pesquisa, em andamento, é discutir sobre as razões pelas quais os professores de arte das escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio que desenvolvem atividades teatrais, se tornaram professores desse campo, identificando e refletindo sobre o seu processo formativo, bem como as concepções que orientam seu trabalho, tomando como referência as teorias do ensino de teatro e as orientações curriculares para a Educação Básica na subárea de teatro. Esse estudo se dividiu em duas etapas: a primeira etapa, já concluída, consistiu na aplicação de cinquenta questionários nas escolas, somente para os docentes que trabalhavam com o ensino da arte. O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados dessa etapa da pesquisa. Acreditamos que, as relações estabelecidas no campo da cultura, do contexto artístico destes professores constituem também seus saberes docentes, atuando juntamente com os outros saberes, nas escolhas cotidianas de sua prática pedagógica.

Palavras-chave: teatro; Rio Branco-AC; ensino.

Caderno de Resumos

O ESCOLANOVISMO NO TERRITÓRIO DO ACRE (1946-1950)

Cleyde Oliveira de Castro
cleydecastro@yahoo.com.br

A década de 1920-1960 foi marcada por intensos debates visando a renovação da educação. Esse movimento, conhecido como escolanovismo, ocorrido no Brasil, tem características específicas dadas as diferenças de desenvolvimento regional, pois o mesmo não ocorrerá da mesma forma em todo o país. Considerando esse aspecto é que se buscou verificar como se deu o processo de apropriação das idéias sobre a Escola Nova no Território do Acre no período de 1946-1951, na gestão de Maria Angélica de Castro no Departamento de Educação. Essa educadora mineira promoveu significativa mudança na educação do Território e contribuiu para o processo de divulgação dessas idéias. Para subsidiar essa pesquisa buscou-se verificar: como as idéias escolanovistas se fazem presentes na ação da educadora e no seu discurso? Quais princípios da escola nova, pautados na psicologia, podem ser identificados nos documentos sobre a reforma do ensino primário, do ensino normal e no programa de ensino primário elaborados na gestão da educadora? Para dar conta do que se propôs utilizou-se como método de pesquisa a análise de documentos, fotografias e jornais do período recortado. Os resultados parciais obtidos na pesquisa são oriundos do trabalho que estou realizando como doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais, e apontam para a implantação de idéias como: valorização do aluno, centros de interesse, homogeneização das classes, ensino centrado no interesse do educando, etapas de desenvolvimento, escola como continuidade da vida da criança, jogo, lúdico, respeito às idades, educação ativa. Espera-se com essa pesquisa estar contribuindo para os estudos sobre os processos de apropriação das idéias sobre a escola nova através da História da Educação e da História da Psicologia, pois esse trabalho permite que se conheçam outras histórias. Espera-se, ainda, estar contribuindo para ampliar os conhecimentos sobre a história da educação no Acre.

Palavras-chave: Educação; Escola Nova; Apropriação.

INAUDÍVEIS E INVISÍVEIS: REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA HISTORIOGRAFIA ACREANA

Flávia Rodrigues Lima da Rocha
flavia_rocha80@hotmail.com

O presente trabalho busca estudar o tratamento à presença negra na historiografia acreana. A colonização acreana foi um processo composto por uma diversidade de personagens, entre eles o negro chegado ao Acre por meio de diferentes movimentos migratórios. Como parte integrante da Amazônia o Acre recebeu diásporas negras em diversos momentos, formas e pretextos, como o degredo de rebeldes em revoltas provinciais, quilombolas que se dispersaram Amazônia a fora em busca de abrigo, coletores de drogas do sertão, “encarregados” de índios, frustrados trabalhadores da estrada de ferro Madeira-Mamoré, religiosos. Sobretudo quando dos ciclos da borracha, negros vieram e fundaram povoados, trouxeram culturas e comporam o colorido mosaico dos povos acreanos e, conseqüentemente, amazônicos. Entretanto, mesmo nossa historiografia já tendo percorrido um longo caminho de alargamento de suas fontes e temas, quando do contato com novas correntes, o negro ainda não tem sido inserido em nossa historiografia local como um sujeito atuante no processo de formação de nosso estado. Sabe-se que nenhuma escrita é passiva, casual ou encerrada em si mesma. Mas, ao contrário, qualquer escrita tem sua razão de ser, possui interlocutores específicos, e existe a serviço de alguém ou de algo. Por isso essa pesquisa buscará compreender o tratamento ao sujeito afro-descendente ao longo de nossa historiografia, desde o Clássico Leandro Tocantins à contemporânea Cleuza Ranzi, bem como compreender o contexto em que estes estudiosos escreveram, pois em suas narrativas vemos o silenciamento ou, na mais ampla das escritas historiográficas, o isolamento do sujeito negro.

Palavras-chave: historiografia; negros; Acre

ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO ALUNO NEGRO NO CURSO DE LETRAS – UFRR

Francisco Alves Gomes
chescoalves@yahoo.com.br

O curso de Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR obteve sua criação através da Resolução 025/91 - CUNI, 26.11.91, desde então oferece à comunidade a formação de profissionais que precisam estar aptos a atender às necessidades do mercado local, que tem como uma de suas principais características a diversidade linguísticocultural existente, base para a compreensão deste estado como um mosaico de identidades que se cruzam, tanto em termos da comunidade em geral, como no que tange ao alunado do curso de Letras. Entretanto, muitas perguntas ainda estão por ser respondidas no que tange à formação deste profissional. Neste sentido esta pesquisa nos leva a observar as problemáticas que são geradas a partir das micro relações desenvolvidas no dia a dia do estudante e que são responsáveis pela criação de uma teia discursiva de linguagens e códigos, que por si constroem um panorama identitário e diacrônico deste aluno, especificamente neste trabalho o aluno negro. Para entender as relações sociolingüísticas e culturais deste aluno no curso de Letras foi necessário coletar registros através de entrevistas semi abertas, com alunos negros das quatro habilitações do curso: Literatura, Inglês, Francês e Espanhol. Os dados analisados tomam por base um referencial teórico especializado em identidade, negritude, ensino superior etc. Através desta pesquisa pode-se observar que ao ingressar no curso de Letras o aluno busca de antemão redescobrir o significado de ser negro, numa sociedade onde os valores raciais são deixados de lado por conta da valorização maior de uma cor de pele em detrimento de outra. No entanto este aluno mostra-se bastante atento às responsabilidades oriundas a partir da prática profissional ao ter à frente uma sociedade preconceituosa, que precisa da ação docente na tentativa de firmar valores de identidades em constante transformação.

Palavras-chave: letras; negro; identidade

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A EMERGÊNCIA DA ESCOLA GRADUADA: OS PRIMEIROS GRUPOS ESCOLARES NO TERRITÓRIO DO ACRE

Francinete Lopes Do Nascimento
franlopes_ac@hotmail.com

O artigo tem por objetivo contextualizar a emergência da escola graduada no Território do Acre, bem como, a organização da instrução pública, a partir das primeiras quatro décadas do século XX. Por intermédio das instituições escolares, em particular, os grupos escolares é que destacamos a análise, de tal instituição como elemento instrumental para a organização do ensino primário em terras acreanas durante as duas primeiras divisões político-administrativas do Território do Acre. Na perspectiva de compreender a força dessa representação e de algumas práticas discursivas nela inserida, o texto terá como contribuição a investigação de relatórios de governo e dos jornais de circulação do período compreendido entre 1906-1940.

Palavras-chave: grupos escolares; instrução pública; organização do ensino.

EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DE SERINGUEIROS/AS NA REGIÃO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL (1981 – 2007).

José Dourado de Souza
douradoac@yahoo.com.br

A Educação de Seringueiros/as focalizada nesse estudo é uma experiência de educação desenvolvida em comunidades de seringueiros/as da região da Amazônia Ocidental (Xapuri – Acre), no período de 1981 a 2007, sob a denominação de Projeto Seringueiro. Esta experiência, concebida numa perspectiva de Educação Popular e influenciada pelas idéias e práticas da Teologia da Libertação e de uma dada perspectiva do sindicalismo rural brasileiro (a ação da Contag no Acre), constitui-se em um componente do Movimento Social, Ambiental e de Luta pela Terra que ali se efetivou. O objetivo fundamental desta pesquisa é analisar as razões da emergência e o desenvolvimento da educação do Projeto Seringueiro: Cedop/CTA, explorando suas convergências e divergências políticas, bem como as concepções e práticas educativas evidenciadas no seu percurso. As reflexões aqui apresentadas são resultantes de uma pesquisa maior, destinada a elaboração de minha tese de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As bases teórico-metodológicas orientam-se pela perspectiva da História Social Inglesa, principalmente em um dos seus pensadores, Edward Palmer Thompson. Este autor diz que o trabalho no campo da história deve considerar a inter-relação das múltiplas evidências da realidade que se quer pesquisar. Diz que o diálogo, o enfrentamento entre ser social e consciência social, faz surgir novos problemas, dando origem continuamente à experiência. Nesta perspectiva trabalho com algumas contribuições da oralidade de seus sujeitos, ressaltando a importância da história oral para a reconstrução do processo histórico desta experiência. Espero que este estudo e a conseqüente compreensão do processo histórico percorrido por esta experiência possam estimular e ajudar na orientação de outras práticas educativas, também com propósitos emancipatórios.

Palavras-chave: educação; seringueiros/as; luta pela terra.

**VIGIAR E CASTIGAR: EDUCAÇÃO PARA
UMA REFORMA DO COSTUMES
VEICULADAS NO JORNAL “O ACRE” NA
DÉCADA DE 40.**

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho
evabarbosas@bol.com.br
Andrea Maria Lopes Dantas
Cleyde Castro de Oliveira

Este trabalho de pesquisa visa apresentar uma leitura acerca do papel da imprensa enquanto mecanismo de difusão de idéias que colabora para a formação de uma identidade escolar infantil no Território do Acre na década de 40. Sendo o jornal “O Acre” uma espécie de Diário Oficial a serviço do governo territorial, este pretendeu neste período a formação de uma nação de indivíduos capazes e saudáveis. Tomando como base a idéia de que a criança é o futuro do amanhã, foram veiculadas notas acerca da forma como os pais e professores poderiam educar seus filhos e alunos, respectivamente, desde o nascimento, antes do uso da razão até o momento do uso da razão, quando este ia para a escola. Logo, a infância era apontada como uma base onde se assentava as metas futuras. Por tratar-se de um veículo de comunicação oficialmente ligado ao governo territorial Major Guiomard dos Santos e com base nas leituras dos artigos relacionados a esta temática, é possível observar que este visava moldar comportamentos dos infantes no intuito de colaborar com as idéias educacionais pedagógicas que buscavam promover mudanças na moral e no cultivo do caráter sem espaço para a subjetividade. E, para que tais objetivos fossem alcançados, difundiu-se os ideais de que a criança precisava ser modelada em casa desde o seu nascimento, pois somente quando estas chegassem na escola e que estariam “salvas” dos maus hábitos típicos de sua idade. Assim, em parceria com os educadores, os pais poderiam colaborar neste processo de construção de uma identidade infantil que futuramente se transformaria num adulto responsável pelo próprio progresso pessoal e da Nação. Sendo o jornal um dos meios de comunicação mais viável na região acreana, este, em parceria com os professores e pais, teve papel fundamental na construção deste processo de escolarização dos corpos infantis.

Palavras-chave: infância; impresso; modelagem.

**O DIÁRIO ESCONDIDO: AS CARTAS DE
UMA MORADORA DE SENA MADUREIRA,
NAS DÉCADAS DE 1920 A 1940.**

Milvane Almeida de Oliveira
milvaneoliveira@hotmail.com

Este trabalho é resultado parcial de uma dissertação de mestrado em andamento. O objeto desta pesquisa são as práticas de leitura de uma moradora do município de Sena Madureira, do antigo território do Acre, no período de 1920-1940, e a finalidade é conhecer os significados atribuídos a leitura em seu diário, intitulado pela autora como: “O diário escondido: as cartas de uma dama”. Precisado as nossas inquietações, que eram muitas, decidimos explorar o registro da cultura gráfica, dessa leitora, mostrando o sentido de suas apropriações na escrita do diário. Para isso, dividimos o nosso estudo em três fases: 1. Identificar as práticas de leitura e escrita constituídas nos seringais de Sena Madureira; 2. Perscrutar as produções de saberes diversos que começaram a serem postos em forte circulação em Sena Madureira; 3. Analisar as relações entre cultura oral e escrita, nela situando o contexto vivencial (*sitz-in-leben*) da educação no território supra-citado. É o que proponho apresentar neste trabalho.

Palavras-chave: práticas de leitura; cultura gráfica; livro-didático

O ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EDUCAÇÃO RURAL ARIANA SOB OS ASPECTOS GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E CULTURAIS - ENSINAR ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA CULTURALMENTE SENSÍVEL.

Patrícia Ferreira Monteiro
paty.monteiro.06@gmail.com

Partindo da concepção de que as diferenças geográficas, históricas e culturais afetam o desenvolvimento educacional - às quais denominamos “pirâmide formativa” - a comunicação em questão visa refletir a investigação do processo ensino-aprendizagem no ensino da língua estrangeira na educação rural no Acre (escolhemos este local como objeto de estudo por destaque ao contexto histórico, geográfico e cultural) de forma a seguir alguns critérios de pesquisa: avaliação e demonstração do material didático em uso, entrevistas com alunos e educadores e levantamento bibliográfico utilizados. Alguns fatores serão apontados através de um leque avaliativo de problemáticas paralelamente à algumas ideias de possíveis interpretações, tais como: a formação dos professores de língua estrangeira, o perfil dos alunos - levando em consideração suas reais necessidades culturais e educativas - os objetivos dos órgãos educativos normativos responsáveis, desde a lei à real aplicação dessas premissas educacionais na sala de aula rural e pública.

O preconceito linguístico e cultural originários da “pirâmide formativa” acima citada é um exemplo de consequência na realização positiva e/ou negativa no ensino da língua estrangeira. Colocamos o tema sob exemplos político-pedagógicos comparativos ao modelo empregado no Rio de Janeiro para que possamos visualizar aspectos entre o local amazônico rural e o metropolitano rural no contexto sociocultural e educativo em processos distintos, porém bem próximas na realidade executiva vertente ao ensino da língua estrangeira em ambientes rurais brasileiros.

Palavras-chave: processo ensino-aprendizagem; preconceito linguístico; educação rural.

Caderno de Resumos

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DA
ZONA URBANA E RURAL DE RIO
BRANCO - ACRE**

Tavifa Smoly Silva
tavifa@uol.com.br

Conduzir a criança aos processos que levam a construção da leitura e escrita não se reduzem ao domínio das primeiras letras ou apenas ao trabalho de identificar os sinais gráficos decodificando-os e codificando-os, mais que isso compreende saber utilizar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária. Do ensino fundamental ao superior é comum professores se queixarem que seus alunos leem mal e pouco sabem utilizar os materiais de estudo. Em pleno século XXI é comum que muitas escolas ainda façam uso de práticas tradicionais para construir esses conhecimentos, por meios de repetição e materiais desestimulantes, podendo conduzir o aluno ao desinteresse. Sabemos que inserir o aluno no mundo letrado é um desafio em muitas escolas. A partir da preocupação com a construção e compreensão da leitura e escrita, o estudo proposto por este projeto busca descrever e analisar os processos de alfabetização e letramento em turmas de segundo ano do Ensino Fundamental de duas escolas de Rio Branco Acre, uma situada na zona rural e outra na zona urbana. O estudo que está sendo realizado define-se como uma investigação de caráter descritivo, possuindo como referencial teórico os pressupostos de Soares, Rojo, Vygotsky e outros estudiosos que tratam do tema. Como referencial analítico será realizada uma coleta de dados por meio de observação e aplicação de questionários e entrevistas numa turma do segundo ano do Ensino Fundamental das duas escolas, buscando evidenciar as diferentes concepções de alfabetização e letramento veiculadas nas instituições selecionadas. Por apresentar-se no início, este trabalho ainda não aponta resultados e esta apresentação pretende promover a discussão sobre aspectos centrais do projeto de pesquisa.

Palavras-chave: leitura; escrita; aluno.

LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR: ENTRECRUZANDO DISCURSOS

Verônica Maria Elias Kamel
veronicakamel@gmail.com

O objetivo desse trabalho é apresentar alguns resultados do projeto intitulado Práticas de leitura, ensino e aprendizagem de línguas e formação de professores. Essa pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental, do município de Rio Branco-AC e tem o intuito de investigar os modos de ler e de falar sobre a leitura na escola, enquanto práticas desenvolvidas pelos sujeitos da educação (alunos e professores). Nossa intenção é compreender o que os discursos desses sujeitos revelam sobre as práticas de leitura no contexto escolar e de que maneira essas práticas contribuem para a formação de leitores. Para tanto, gravamos e transcrevemos aulas; realizamos entrevistas com professores e alunos do ensino fundamental para verificar as práticas de leitura e os discursos sobre leitura que permeiam esse espaço. Para nortear a nossa pesquisa nos pautamos pela concepção de linguagem enquanto atividade dialógica, como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, já que adotamos, nessa pesquisa, correntes teóricas de abordagens enunciativo-discursivas que, no geral, assumem a linguagem como espaço de interlocução entre sujeitos socialmente localizados num tempo e num lugar determinados. Assim, construiremos nossa análise escutando o discurso de alunos e professores acerca do ensino de leitura. Trabalharemos com esse discurso para compreender os sentidos contidos nele, ou seja, buscaremos escutar no dito o não dito, mas que foi dito em outro lugar, levando em conta a relação que se estabelece entre um discurso e outro.

Palavras-chave: contexto escolar; discurso; leitura.

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Sessão VII

Sessão VII

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

A LINGUA(GEM) NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA

Andreia Jordania Moreira de Araujo
angel.deia.bri@hotmail.com

Este trabalho discute o papel da língua de sinais na construção da Identidade Surda. Diferentes autores têm discutido a relação língua(gem) na construção da identidade, destacando-se que esta se constitui a partir da significação – ao significar o sujeito se significa (Orlandi, 2001). Dessa forma, buscamos trazer esta discussão para o campo da surdez levando em conta que, o processo de formação da Identidade Surda começa por meio da interação com outros surdos, que podem adquirir de modo natural a língua de sinais, e também assumir padrões de conduta e valores da cultura e da comunidade surda. Tendo essa possibilidade o sujeito Surdo pode absorver não o modelo que a sociedade ouvinte tem para os Surdos, mas o que os Surdos têm a respeito de si mesmos. Desse modo, a proposta deste trabalho é de, a partir de pesquisas junto à comunidade surda, perceber a relevância e influência da língua(gem), mais especificamente da língua de sinais na formação da identidade do sujeito Surdo. Levando em conta que o tema da linguagem na construção da identidade deve ser considerado no processo de formação de qualquer sujeito, mais significativo ainda se torna na questão da surdez. Portanto, a seguinte questão norteará este trabalho: Qual o papel da língua de sinais na construção da Identidade Surda?

Palavras-chaves: Língua(gem); Identidade; Surdez.

LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR: DISCUTINDO QUESTÕES DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SURDA.

Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas
drahfreitas@yahoo.com.br

O MEC através do decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, torna obrigatória a disciplina de Libras (Língua Brasileira de Sinais) nos cursos de Pedagogia e licenciaturas, e como disciplina optativa nos cursos de bacharelado. O curso de Letras da Universidade Federal de Roraima tem então no primeiro semestre de 2009 a sua primeira turma de Introdução à Libras, disciplina que discute a Língua Brasileira de Sinais no contexto sociolinguístico e educacional. Dos 21 trabalhos apresentados para avaliação final da disciplina oito versam diretamente sobre construção de identidade surda: um ensaio monográfico, dois artigos, um projeto de extensão e quatro projetos de pesquisa. Os outros trabalhos ao focarem questões de educação, tecnologia e formação de intérprete partem também do pressuposto de que a identidade surda se coaduna com conceitos defendidos por autores como Hall, Perlin e Silva: híbrida, contraditória, desenhada a partir das relações sociais estabelecidas e em constante construção. A língua de sinais se constitui em um traço forte de identificação cultural, espaço onde o surdo constrói seus próprios significados. Ser surdo é estar num mundo visual e, portanto, desenvolver suas vivências em língua de sinais. O contato entre os surdos proporciona a percepção das representações da identidade surda, por isso se aglutinam em escolas, igrejas e/ou em espaços públicos de lazer. Entretanto por estar inserido numa sociedade ouvinte, o surdo alicerça seus mecanismos próprios, ora de defesa à face, através, principalmente, da sua manutenção linguística, ora de subordinação ou de exílio. Desta forma, esta identidade construída e reconstruída pelos indivíduos surdos não é homogênea, pois, inseridos numa comunidade oral, vivem tensões e conflitos ocasionados pela descoberta da surdez, pelo poder massificante da ideologia ouvintista e pela ausência de políticas públicas e educacionais condizentes com a sua realidade sociolinguística.

Palavras-chave: surdez; identidade; bilingüismo.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO INTERPRETE EDUCACIONAL DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR DE BOA VISTA – RR

Francisco dos Santos Panero
fspaneroit@yahoo.com.br

Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas

O bilingüismo para surdos, é um fato novo no cenário educacional para todos os educadores, ele passa a fazer parte das políticas educacionais brasileiras apenas na última década. Somente após a criação da lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, o intérprete de língua de sinais, não era considerado um profissional.. A legislação trouxe algumas mudanças dentro das escolas e das universidades, o crescente aumento na contratação do intérprete de língua de sinais é um dos exemplos. As discussões sobre o intérprete enquanto profissional, são relativamente recentes. A inserção do intérprete na sala de aula pode ser entendida como uma maneira de minimizar as dificuldades dos surdos. O interprete possui como papeis: ensinar ao surdo a língua portuguesa como segunda língua, além de dentro da sala de aula, ensinar a própria língua de sinais aos surdos e ouvintes, a fim de facilitar a comunicação destes com os alunos surdos, o intérprete também possui como papel orientar os alunos surdos, explicando detalhadamente os exercícios e conteúdos trabalhados, assegurando-se de que houve entendimento por parte do aluno. Várias dúvidas referentes aos papéis do intérprete vêm sendo discutidas por diversos pesquisadores, primeiramente, o intérprete tem que inteirar-se do conteúdo a ser interpretado. Pois, se o intérprete não domina a língua de sinais ou a língua portuguesa, comprometerá o seu trabalho de interpretação. Além disso, qualquer interpretação exige também que o intérprete seja conhecedor do assunto tratado em sala de aula. O intérprete enfrenta alguns problemas adicionais em sua profissão, pois precisa saber os sinais de diferentes disciplinas, às variações da língua no que diz respeito a diferentes faixas etárias dos alunos, remuneração, entre outros aspectos. Como resultado do exposto, o interprete de LIBRAS é cobrado a assumir diversos papeis para os quais não foi formado.

Palavras-chave: identidade; linguagem; interprete de LIBRAS
Caderno de Resumos

HORIZONTES DE EXPECTATIVAS: O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS IDENTIDADES SURDAS

Iris Anita Fabián Ramirez
anitaramirez83@hotmail.com

Este trabalho discute os Horizontes de expectativas: O ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa nas Identidades Surdas. Uma das tantas barreiras que o surdo encontra ao tentar entrar numa universidade ou num mercado de trabalho é a da comunicação, devido à dificuldade do aprendizado da Língua Portuguesa, já seja na modalidade oral ou escrita, e do desconhecimento da Língua de sinais (LIBRAS) por parte dos ouvintes. Parte-se da premissa de que a Língua de sinais é a primeira língua dos surdos e por tanto o ensino do português deveria focar-se como a segunda língua (L2), tem-se a distinção da modalidade da emissão oral diante da gestual e a recepção auditiva diante da visual; maior diferença entre ambas. O objetivo que se espera é que os alunos surdos sejam competentes nas duas línguas; para isso parte-se da idéia de que a língua de sinais é a língua natural dos surdos e que o ensino da língua portuguesa deve-se apoiar na competência que os alunos tenham de sua primeira língua, que passaria a ser considerada como um recurso do ensino. No ensino da L2 para surdos o planejamento da aprendizagem deverá tomar-se em conta o objetivo principal que é conseguir que os alunos surdos tenham uma boa competência na escrita, tanto de compreensão como de expressão. A inclusão da língua de sinais nos projetos educativos deve vir acompanhada de uma reflexão como deve ser levada uma educação multidimensional dos alunos surdos, é dizer uma educação que conduza ao bilingüismo língua oral – língua de sinais. Nesta situação se faz necessário o ensino da língua portuguesa, do ponto de vista, como segunda língua.

Palavras-chave: linguagem; identidade; surdez.

A APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SURDO EM BOA VISTA – RR.

Jeane Almeida da Silva
alarumdei@yahoo.com.br

O conceito de identidade é um dos temas que está sendo muito discutido e alvo de pesquisas nas mais diferentes áreas do conhecimento, como Antropologia, Sociologia, Linguística Aplicada, Psicologia Social, Educação e tantos outros, demonstrando que a discussão é muito complexa e ainda não resolvida. Afinal, a identidade nos envolve e expõe muito de nós, quem somos, nossas ideologias, e a que cultura pertencemos. Muitos grupos lutam pelo reconhecimento de sua identidade, como acontece com a cultura surda, que procura espaços em que possa construir e afirmar sua identidade no meio de tantas outras, que vêm se articulando e buscando cada vez mais seus espaços dentro da sociedade e não mais a margem. Este trabalho se propõe a compreender melhor esta construção identitária, considerando que a cultura surda, tem pelos menos dois aspectos imprescindíveis: a língua como determinante neste processo de afirmação da identidade e a interação de seus indivíduos; e o espaço, como meio geográfico em que os surdos se encontram e se agrupam na construção dessa identidade. Para tanto se faz necessário uma análise da utilização dos espaços públicos neste processo, tendo a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como um dos elementos na interação dos que participam desses espaços, levando em consideração também os que não usam LIBRAS como língua materna.

Palavras-chaves: identidade; linguagem; cultura.

A METAFUNÇÃO TEXTUAL DA LIBRAS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: UM ESTUDO EXPLORATORIO.

Jucelma Muorão de Souza
jucelma.mourao@bol.com.br
Francisco Osvanilson Dourado Veloso

Essa pesquisa tem a intenção de analisar e descrever a Libras, com o objetivo de mostrar as diferenças desta com a Língua Portuguesa, na perspectiva da Metafunção Textual na busca por uma forma, a mais, de ensinar aos falantes de Libras a modalidade escrita da Língua Portuguesa. A Libras – Língua Brasileira de Sinais_ é a língua oficial da comunidade surda brasileira, foi oficializada em abril de 2002, com a Lei: 10.436, desde então sua utilização e divulgação tornaram-se obrigatórios. Para essa pesquisa vai-se utilizar a Linguística Sistêmico Funcional (Halliday, 1994; Halliday e Matthessen,2004) como referencial teórico.O conceito de sistema é fundamental nesse processo, pois permite o mapeamento de uma determinada língua – ou parte dela – e fornece, então, o encadeamento dos elementos de uma sentença numa seqüência lógica em que um elemento irá determinar o seguinte, e assim por diante. A libras é uma língua de modalidade visual espacial que proporciona aos seus falantes interação de maneira eficaz. No entanto, ela não substitui a Língua Portuguesa visto que os Surdos não devem ser privados da sua língua pátria, mesmo que seja apenas, na modalidade escrita. Dessa forma, fica evidente a importância das duas línguas – Libras e Língua Portuguesa- para os surdos.Nessa perspectiva vai se levar em conta que a partir da descrição da Libras poderá se ter fontes de pesquisa para melhor entender a língua de sinais para a partir dela buscar maneiras de ensinar língua Portuguesa para os surdos.

Palavras-chave: metafunção textual; LIBRAS; língua portuguesa.

A CONSTRUÇÃO DE MÚLTIPLAS IDENTIDADES, A PARTIR DA LAN HOUSE PARA OS SURDOS.

Larissa Gomes Paz
lalazinha_paz@hotmail.com

Neste mundo globalizado, as novas tecnologias fazem parte do cotidiano dos indivíduos, e os surdos não estão à margem destas vivências. Para eles o uso destas tecnologias é um novo fator que vem possibilitar-lhes a inclusão em muitas atividades da vida diária. O correio eletrônico, os chats e as páginas “www”, possibilitam aos surdos comunicarem-se a distância, sem intermédio e em tempo instantâneo. E a Lan House se tornou o local mais utilizado para o acesso à internet; onde as pessoas pagam para utilizar um computador ligado em rede, ferramenta essa que dispõe de recursos visuais facilitando a inserção das pessoas surdas, pois as animações de imagens e sinais gráficos utilizados são de fácil compreensão e favorecem estes usuários, em particular; a uma inserção, não só para a era globalizada - da comunidade ouvinte, mas na promoção interpessoal e nas diversas culturas. A partir destes pressupostos básicos, o presente trabalho transparece as percepções obtidas em uma Lan House no centro da cidade de Boa Vista- RR, com a participação de um grupo de Surdos – usuários do espaço; a fim de compreender que representação da ‘Lan House’ é construída pelos seus frequentadores surdos. A partir da perspectiva do “sujeito pós-moderno” que segundo Stuart Hall, está se tornando fragmentado; composto de várias identidades mutantes e transitórias. Uma identidade que está em constante formação em diferentes momentos e contextos.

Palavras-chave: identidades; surdos; lan house.

DISCURSO DE PROFESSORES SOBRE A INCLUSÃO DE PESSOAS ESPECIAIS EM ESCOLAS REGULARES

Marta Cleonice Costa Rego
martacleonice@uol.com.br
Veronica Maria Elias Kamel

O princípio atual de Escola para Todos, traz a Educação desafios da inserção de alunos com Necessidades Especiais no ensino regular, que pressupõe a aceitação da diferença e o reconhecimento da singularidade humana. Assim, considera-se pertinente compreender o processo de inclusão ou não de educandos para tais desafios, nesse enredo de diversidade e de ações circunstanciais pedagógicas de inclusão social. Nessa perspectiva, alguns educadores se mostram receptivos e interessados na presença de alunos com deficiências, porém a os que temem, outros que a toleram e muitos que a rejeitam (Santos, 2003). Este processo, tem sido motivo de grandes discussões em todo o Brasil e, particularmente, em escolas do município de Rio Branco-Acre. Nesse movimento, insere-se este estudo em que consiste investigar os discursos de professores de escolas regulares do Ensino Fundamental II, Neutel Maia e Marilda Gouveia Viana, visando compreender o egresso dos deficientes e suas limitações e se a escola encontra-se direcionada a política educacional voltada às necessidades de aprendizagem e de sua permanência no ambiente escolar. A pesquisa será feita com 10(dez) professores, através de entrevistas semi-estruturadas e diários de campo de docentes. Relatos preliminares de professores em formação, em suas práticas cotidianas, apontam para uma descrença acerca da inclusão escolar, por não possuírem conhecimentos técnico e que consideram a escola despreparada em recursos didáticos para suprir necessidades do deficiente. Enfatiza-se a urgência em valorizar a formação continuada de professores que promovam reflexões de suas concepções sobre deficiência e sobre o processo ensino-aprendizagem para a diversidade.

Palavras-chave: inclusão; discurso de professores; escolas.

LIBRAS & LETRAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NO ENSINO SUPERIOR

Patrícia Maria Rodrigues Maravalha
patimaravalha@hotmail.com

Os textos teóricos estudados na disciplina “Introdução à LIBRAS”, ofertada pelo Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas (DLEM) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) no primeiro semestre de 2009, trouxeram à tona substanciosos fragmentos da situação atual em que os surdos brasileiros se encontram em relação à política, legislação, direitos linguísticos, identidade e cultura, além de expor suas conquistas, preferências e necessidades, e especialmente, os grandes obstáculos e dificuldades que enfrentam quando ingressam na escola. De acordo com as teorias de “inclusão”, esperava-se que todos os profissionais envolvidos na educação estivessem preparados para receber os surdos dentro dos muros das instituições escolares, o que não acontece na realidade. Fizemos um recorte, e trouxemos “a realidade” apresentada pelos teóricos para dentro de nossa instituição – a UFRR. Passamos a observar nosso entorno, e percebemos que na prática, é o que acontece aqui também: alunos, professores e comunidade em geral estão despreparados e desinformados a respeito. Assim, torna-se necessário e emergencial refletirmos sobre a chegada da LIBRAS no Ensino Superior; entender que representação da LIBRAS está sendo construída neste contexto e, finalmente, pontuarmos questões primárias e noções básicas que poderão auxiliar e motivar a comunidade universitária do Curso de Letras a participar e interagir nos processos de integração e acolhimento do aluno surdo, contribuindo assim, para uma significativa melhora na sua qualidade de vida, especialmente na área educacional.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais; educação inclusiva; identidade surda.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO E AS RELAÇÕES DE PODER E SABER SOBRE SER SURDO.

Sandra Moraes da Silva Cardozo
sandraporanga@bol.com.br

Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas

A educação de surdos em Roraima é marcada por grandes contradições sociais e educacionais, pois apesar das inovações tecnológicas e científicas, decorrentes de pesquisas, o ensino ainda se configura por meio de práticas descontextualizadas, lineares e fragmentadas de conhecimento que reforçam a exclusão do sujeito surdo. No Estado de Roraima poucos são os espaços de discussão sobre a formação da identidade surda e os processos de organização política, social, cultural e educacional de sua comunidade, o que se evidencia é uma carência de pesquisas nesta área e poucas contribuições que efetivamente conduzem para uma melhoria significativa nas práticas pedagógicas, políticas e sociais para os surdos. No contexto universitário os professores e acadêmicos têm pouco ou quase nenhum conhecimento sobre Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, apresentando concepções simplistas sobre a organização política, social e educacional da comunidade surda. Neste sentido, o trabalho discute, a partir de relatos de experiências de alunos surdos, as relações de poder e saber sobre ser surdo, advindas do contato linguístico entre LIBRAS e Língua Portuguesa no espaço universitário.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; representação identitária; interação linguística.

LINGUAGEM E IDENTIDADE SURDA: DIVERSIFICAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES NA ATUALIDADE

Vanessia Pereira Noronha
vanessianoronha@hotmail.com

Este artigo tem como escopo apresentar o percurso que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) viveu ao longo dos anos, em especial no Brasil, na busca de ser reconhecida enquanto uma língua com sistemas próprios e peculiares em relação a sua estrutura lingüística. Trataremos assim, do seu processo de legitimação como uma língua natural perante uma sociedade linguisticamente e ideologicamente preconceituosa, que desde a antiguidade já fazia restrições as pessoas com algum tipo de perda auditiva. Enfatizaremos a análise desses processos ao longo dos últimos anos, no que diz respeito aos estudos já produzidos no Brasil e suas conseqüências para a aquisição da LIBRAS como uma língua natural. Pretendemos assim, abordar um tema que tem grande relevância para a sociedade e que a cada dia é mais debatido e expressivo no conceito de inclusão. Processo esse que, de certa forma favorece demasiadamente a percepção da identidade surda no contexto atual, cuja naturalidade é incorporada aos poucos na nossa sociedade. O nosso objetivo com a realização desse trabalho é a reflexão dos temas estudados como um meio também de propensão da linguagem surda ser merecidamente (re) discutida nos meios acadêmicos; seja surdo ou ouvinte chegou a hora de repensar nosso papel nesse processo de construção identitária, contínua, flexível, múltipla, construída a partir das interações mediadas pela linguagem.

Palavras-chave: libras; surdez; identidade.

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Sessão VIII

Sessão VIII

*III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia
Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras”*

A CONQUISTA DE RIO BRANCO

Daniel da Silva Klein
danielklein10@gmail.com

Esse trabalho é resultado da pesquisa intitulada ‘A Conquista de Rio Branco: movimentos comunitários e direitos humanos na capital acreana de 1970 a 2000’, que tem por objetivo discutir como aconteceram as ocupações dos bairros periféricos da capital acreana a partir de 1970, procurando entender como tal contexto histórico originaram diversos movimentos sociais, que propuseram uma outra ocupação do solo urbano pautada pelas necessidades de moradia e manutenção de renda. Nesse sentido procura-se analisar narrativamente como que essas formas diversificadas de ocupação urbana foram confrontadas pelo poder público estatal, pelos proprietários de terras da cidade e, em outro aspecto, de que maneira essas ocupações compuseram um quadro complexo de questionamento da cidade de Rio Branco. A perspectiva teórico-metodológica do trabalho foi embasada no método micrologico proposto por Walter Benjamin, que se concentra no estudo minucioso das experiências e ações de indivíduos socialmente organizados. Esse método enfoca os processos de encadeamento dessas ações nas interconexões de experiências, que vão juntando-se em um todo complexo onde cada pequena parte é indispensável na compreensão do contexto mais amplo. A pesquisa foi realizada pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Educação Popular do Acre, uma instituição preocupada em fomentar os direitos humanos individuais e coletivos, atuando em atividades cujo foco é a luta contra as violações desses direitos.

Palavras-chave: ocupações; movimentos sociais; direitos humanos.

**DO ASSOMBRO AO
DESLUMBRAMENTO: UMA BREVE
ANÁLISE DOS RELATOS DE VIAGEM DE
FREI GASPAR DE CARVAJAL E DE FREI
CRISTÓBAL DE ACUÑA**

Francemilda Lopes do Nascimento
francemildalopes@bol.com.br
Simone de Souza Lima

O presente trabalho busca levantar considerações acerca de duas expedições relevantes que percorreram a Amazônia em momentos distintos. A expedição do capitão Francisco de Orellana relatada pelo frei Gaspar de Carvajal no século XVI e a do português Pedro Teixeira, tendo como cronista frei Cristobal de Acuña, no XVII. Essas expedições tinham como objetivo principal o reconhecimento da região, ou seja, pretendiam, especialmente, reconhecer o seu potencial econômico, a fim de providenciar o melhor modo de se beneficiar das riquezas da região. Todavia ao percorrerem as entradas dos rios da região, os expedicionários foram demonstrando outros motivos, nesses relatos se mostra evidente o motivo da comida como fator de luta e de contato com os nativos amazônicos. Enquanto a viagem de Carvajal esbarrava no assombro e na fome desencadeando a luta entre os europeus e nativos por causa da comida (ou falta desta), descrevendo um ambiente despovoado e desprovido de alimento, Cristóbal de Acuña marca seu relato por seu deslumbramento com a região e revela-nos uma Amazônia distinta do primeiro relato de viagem. Esse artigo pretende mostrar as semelhanças e diferenças do olhar expedicionário sobre a mesma região (numa distância de um século) tendo como foco o motivo da comida.

Palavras-chave: Amazônia; relato de viagem; comida.

“BRASIVIANO” E “FRONTEIRA” COMO CATEGORIAS CULTURAIS INTERAMERICANAS DA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Geórgia Pereira Lima
geo833@gmail.com

O termo interamericano em si anuncia a intersecção de que é portador. Enquanto espaço híbrido evidencia os interstícios sul-amazônicos dos rios Abunã e Acre, respectivamente as cidades e lugarejos da fronteira Brasil – Bolívia mas também, o campo da manifestação de identidades de homens e mulheres que viveram ou vivem experiências sociais naquelas áreas fronteiriças. Nesse encontro de itinerários de lugar e sujeitos sociais, o conceito jurídico de “fronteira” definido pela linguagem da diplomacia internacional nos interstícios dos rios Abunã e Acre passa a se instituir numa “zona de contato”, em “espaço híbrido”, que se singulariza por carecer de uma identidade. Se no início do século XX os homens e mulheres daquelas regiões fronteiriças ainda se definiam a partir do centro nacional brasileiro e/ou boliviano, a partir de 1989 a expressão “brasiviano” se constitui como uma resposta identitária, forjada por esses sujeitos sociais, sob o véu da inclusão e da exclusão dos centros que representa. Portanto, a fronteira interamericana da Amazônia sul - Ocidental formada por trabalhadoras e trabalhadores latinos expropriados, apresenta uma identidade constituída no conflitante ato tênue de existir entre a inclusão e a exclusão, mas também como uma intersecção de culturas.

Palavras-chave: brasiviano; fronteira; interamericano.

A REINVENÇÃO DOS “SANTOS PRETOS” NO DISCURSO MISSIONÁRIO EUROPEU.

Italva Miranda da Silva
italvams@gmail.com

O presente artigo tem por objetivo analisar o papel desempenhado pela Igreja Católica na figura dos missionários, para forjar uma santidade negra pautada nos valores cristãos do Ocidente durante a colonização do Brasil. Desde a chegada dos europeus ao solo americano a intenção foi sempre estabelecer uma rede de dominação que pudesse colocar todas as populações existentes nessas terras e que para cá vieram sobre seu incondicional controle. A intensificação do tráfico de escravos africanos no século XVIII para a Colônia brasileira trouxe, por um lado, o aumento dos lucros por parte dos agentes envolvidos na empresa capitalista, mas por outro lado, trouxe a ameaça de desestabilização da crença missionária cristã no Brasil. O grande contingente de negros na maioria islamizados que entrou na Colônia por meio do criminoso tráfico de seres humanos, obrigou a Igreja Católica, principal aliada do Estado Português a tomar medidas de controle. Uma estratégia para isso forjar a santidade de alguns negros para despertar entre a população cativa o sentimento de devoção e obediência. Em outras palavras, se tornava imprescindível disciplinar as mentes dos escravos com algo que os identificasse. Evidentemente, o culto aos santos de suas respectivas etnias era um desses elementos, disciplinadores e identitários ao mesmo tempo. Nesse sentido, a Igreja não descuidou em nenhum momento de apresentar aos negros um modelo de santidade que exemplificariam o cultivo das virtudes cristãs e obediência ao poder instituído.

Palavras-chave: santidade; missionário; negro.

DISCURSO E IDENTIDADE INSCRITOS NO MOVIMENTO DA VIA CAMPESSINA

José Francisco Gonçalves da Mota
goncalves.mota@yahoo.com.br

Esse trabalho tem como objetivo analisar os movimentos discursivos de produção de identidades para compreender a produção social de sentidos realizada pela historicidade do Movimento Via Campesina por meio da materialidade das linguagens numa formação ideológica que determina o que pode e o que deve ser dito. O estudo em questão tem como aporte teórico a Análise do Discurso de Michel Pêcheux onde se examinam as estratégias discursivas utilizadas na constituição da identidade do chamado Movimento Via Campesina e os estudos de Michel Foucault para quem o sujeito é um enunciado social produzido pelas relações de forças entre sujeitos ou grupos. Subjetividade, identidade, poder e discurso são categorias de análise que nesse trabalho são articuladas para compreender o lugar de constituição do movimento social em questão. É tomado como material de análise, o discurso proferido por um dos representantes do movimento na tentativa de compreender a produção histórica dos sentidos, os modos de inscrição dos sujeitos na linguagem, o poder e a história. Conclui-se que esses conceitos constituem a dinâmica da luta de classes ou de lugares para além do processo de resistência e que discorre sobre a noção de revolução no jogo dinâmico da linguagem escolhendo essa unidade temática no discurso em questão com o propósito de manter o grupo coeso e filiado a rede de poder do movimento constituída por formações ideológicas, diferentes subjetividades e processos de identificação.

Palavras-chave: discurso; identidade; poder.

**POPULAÇÕES LOCAIS,
DESENVOLVIMENTO E CONVÊRGENCIA
NA FAIXA DE FRONTEIRA: estratégias
“sustentáveis” e Gestão Florestal nas Flonas
do Macauã e São Francisco**

Josué da Silva Santos
josuemdr@gmail.com

A Política Ambiental implementada na Amazônia - acriana a partir da eleição do governo da Frente Popular do Acre – FPA (1999), instituiu legalmente (Lei Estadual nº 1.426 de 27 de dezembro 2001) a exploração pela iniciativa privada de áreas públicas ou quantidade de recurso florestal por meio da concessão florestal, essa lei tornou-se o embrião para formulação em âmbito nacional da chamada Lei de Florestas Públicas (Lei nº 11.284, de 02 de março de 2006). Esse processo acabou suscitando, além das discussões referentes à degradação gerada e privatização de um bem público (Florestas Nacionais, Estaduais, Municipais e etc), um olhar sobre as pessoas que habitam e sobrevivem nessas áreas, os chamados “Povos da Floresta”. Em um panorama em que as populações locais são as mais “alcançadas” pela política ambiental empreendida pelo Estado nas diversas Unidades de Conservação, principalmente na Amazônia, seja positiva ou negativamente, o objetivo desse projeto é compreender como as populações locais pensam o uso dos territórios transformados em áreas de conservação e preservação ambiental (FLONAS, RESEX) e as implicações do atual modelo de desenvolvimento em seu modo de vida. Tomaremos como estudo de caso a população das Florestas Nacionais – FLONAS, do Macauã e do São Francisco. Somada a área das FLONAS corresponde a 197.353 hectares, e segundo o Plano Anual de Outorga Florestal – PAOF 2009 estão localizadas integralmente na faixa de fronteira, em bacias sedimentares de interesse do setor de petróleo e gás e também em área de possível implantação de infra-estrutura para integração sul-americana, o que requer um tratamento específico para as concessões florestais nessa área. Para tanto, a abordagem está referenciada no método histórico-comparativo e na análise de processos e fenômenos sócio-políticos vinculados a questão ambiental para populações locais na tríplice fronteira (BRASIL-PERÚ-BOLÍVIA).

Palavras-chave: populações locais; desenvolvimento; fronteira.

II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

AMBIENTALIZAÇÃO DA GEOPOLÍTICA OU “OUTRAS FRONTEIRAS” NA AMAZÔNIA BRASILEIRA?

Márcio Roberto Vieira Cavalcante
marcio.rbr_mao@hotmail.com

O presente artigo tem como enfoque principal discutir as atuais mudanças geopolíticas da Amazônia brasileira, tomando como ponto de partida de tal discussão as recentes políticas públicas em curso na região. Em seu desenvolvimento, o artigo identifica que há na Amazônia uma significativa moldagem (ou remodelagem) das relações entre o poder estatal, meio ambiente e a sociedade civil.

Palavras-chave: Amazônia; geopolítica; desenvolvimento.

O PROAMBIENTE: UM NOVO PAPEL PARA O PRODUTOR RURAL ACREANO

Maria das Dores Miranda de Lima
mdlmiranda@uol.com.br

O “Programa de Desenvolvimento Socioambiental da Produção Familiar Rural – PROAMBIENTE” é um programa concebido pelos trabalhadores (as) da Amazônia, rumo ao controle social das políticas públicas de desenvolvimento e a remuneração dos serviços ambientais prestados a sociedade. No Acre é direcionado aos 400 produtores(as) familiares, localizados nos municípios de Assis Brasil, Brasiléia Epitaciolândia e Xapuri. Sua essência é que cada pequeno agricultor/seringueiro, possa planejar sua propriedade, articulada com uma nova proposta de desenvolvimento regional para Amazônia. A quantidade de assentamentos sem nenhum progresso nos resultados econômicos, sociais e ambientais é visível. Esses carecem de serviços básicos, de capital social e de capacidade empreendedora. Estas insuficiências resultam geralmente no fracasso do assentado e na reconcentração da terra. A reconcentração fundiária, a depredação dos recursos florestais, pelo desflorestamento indiscriminado seguido de um alto índice de queimadas, o isolamento, os baixos indicadores sociais, a frágil inserção no mercado e a deteriorização dos valores tradicionais é uma realidade. A descentralização espacial dos assentamentos com fins agrícolas sempre esteve em descompasso com acentuada centralização demográfica, isso tem sido um dos entraves, para a implementação de uma política de desenvolvimento que priorize os serviços básicos e principalmente ao mercado. O objetivo desse estudo é analisar os impactos econômicos e sócio-ambientais do Proambiente, compreendendo e apreendendo sua lógica política e ideológica na redefinição do papel do trabalhador no espaço rural no âmbito das políticas públicas agrárias e de desenvolvimento regional. Neste sentido, a busca da compreensão partirá de um estudo do processo de formação da resistência destes trabalhadores, no âmbito das contradições enfrentadas no seu cotidiano de ontem e de hoje. Com isto, é possível mensurar os impactos possíveis, de uma política pública a partir de uma bandeira de luta, no momento que intercrusa metas governamentais com as ansiedades dos sujeitos que realmente produzem no meio rural.

Palavras-chave: desenvolvimento; Amazônia-ambiental; rural.

ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA INSTITUCIONAL NA APLICABILIDADE DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE EM RIO BRANCO/AC. PROTEÇÃO OU PUNIÇÃO?

Maria da Luz França Maia
marialuz_ac@yahoo.com.br

O Estatuto da criança e do adolescente, Lei Federal 8.069/90, foi implantado em 1990 e nele foram estabelecidas PALAVRAS-CHAVE: ESTATUTO; CRIANÇA E ADOLESCENTE; SUJEITOS DE DIREITO. várias garantias de proteção aos direitos de criança e de adolescentes, onde ficou consagrada a mudança de paradigmas. É a nova normatização jurídica brasileira que substituiu o 2º Código de Menores, Lei Federal nº 6.697, de 12 de outubro de 1979. A alteração do corpo de normas - de Código para Estatuto, o afastamento de termos como “menor”, substituído pelas categorias “criança e adolescente,” e a garantia de Proteção Integral, substituído a Doutrina da Situação Irregular, e em teoria consagra a criança e o adolescente como sujeitos de direitos. Porém, as crianças e os adolescentes ainda não são tratados e respeitados como tal. Nas práticas cotidianas se mantêm tradições do século passado e a cidadania está presente, em grande parte, apenas no imaginário. “É assim que no imaginário social está presente um estigma: criança ‘rica’ é da família, criança ‘pobre’ é das instituições governamentais e não governamentais de assistência social, criança e adolescente em situação de risco são do Poder Judiciário (Motti, 2005); e o que está presente no imaginário conduz à materialidade de forma que a população que não produz não é considerada cidadã, estando sujeita à tutela do Poder Público ou da Sociedade. Presume-se, porém, que no panorama institucional houve poucos avanços, a considerar as várias formas de violência e exploração contra crianças e adolescentes e o aumento da incidência de atos infracionais cometidos por estas crianças e jovens. Portanto, considerando a proposta que permeia o Estatuto da Criança e do Adolescente na quebra de velhos paradigmas do antigo Código de Menores, este trabalho propõe uma reflexão e tem a pretensão de desencadear discussões na comunidade acadêmica em áreas como: Psicologia, Geografia, Educação, Saúde, Serviço Social, Ciências Sociais, Direito Social entre outros, possibilitando uma análise mais profunda a permitir que crianças e adolescentes sejam detentoras de direitos não por algo que lhe foi tirado, violado ou negado, mas pelo fato de ser sujeitos de direito e que o discurso e a prática, juntos, garanta a concretização preconizada pelo ECA.

Palavras-chave: estatuto; criança e adolescente; sujeito de direito.

O LUTO NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO TEOTÔNIO

Paulo Alberto Ferreira Neto
nemo.pvh@gmail.com

O Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) feito pelo Governo Federal brasileiro lançado no ano de 2005 tinha como um de seus principais objetivos a construção de duas hidrelétricas no Rio Madeira, na cidade de Porto Velho-RO. A construção desses empreendimentos irá resultar na formação de um reservatório de água, que irá atingir cerca de 1760 pessoas. Os ribeirinhos localizados nessas áreas irão sofrer uma perda significativa, não apenas de suas casas, mas de toda uma referência cultural que abrange o conteúdo simbólico da vida ribeirinha, Freud (1917) diz que o luto é resultado da perda significativa, logo os ribeirinhos entrarão em um processo de luto. Uma das áreas atingidas será a comunidade ribeirinha da Vila do Teotônio, que está localizada cerca de 20 quilômetros da cidade de Porto Velho, às margens do Rio Madeira. Para melhor compreender esse processo pelo qual o ribeirinho está passando, foi realizada uma pesquisa, com apoio do PIBIC/CNPQ e da Universidade Federal de Rondônia. A pesquisa teve caráter bibliográfico e de campo, onde entrevistamos cinco ribeirinhos da Vila do Teotônio. Posteriormente essas entrevistas foram analisadas através da Análise de Conteúdo (Bardin, 1995) em interface com a psicanálise. Podemos constatar que a dor pela qual esse ribeirinho está passando é resultado da angústia de perder sua identidade e sua referência simbólica. Aspectos como subsistência, a lavoura, a pesca, a cultura, os mitos, as festas estão sendo sentidos como devastados pelo progresso urbano. A fim de evitar tamanho sentimento de perda, o ribeirinho da Vila do Teotônio se defende através de mecanismos psíquicos, pois sua vida pulsional está com uma cadência desorientada, carregada de angústia por não saber ao certo seu destino.

Palavras-chave: PAC; comunidades ribeirinhas; Porto-Velho-RO.

**DISCURSOS ENTRELAÇADOS – FÉ E
POLÍTICA NO CASO PAULINHO
ALMEIDA NO TRIBUNAL REGIONAL
ELEITORAL/AC**

Wheliton Souza da Silva
whelitons@gmail.com

Com Bakhtin (1997) aprendeu-se que os gêneros dos discursos são práticas sociais, havendo tantos gêneros quantas práticas sociais diferentes existem. Com efeito, a prática jornalística na veiculação de discursos, no século XXI, exerce influência considerável sobre a opinião pública, merecendo especial atenção não só dos estudiosos da linguagem como de cientistas políticos, historiadores, etc. Observando essa importância e tendo como norte os pressupostos teóricos-metodológicos da linha francesa da análise do discurso, este artigo procura realizar uma análise do gênero midiático charge, por ser este um dos gêneros mais aparentemente transparentes e assimiláveis pelos leitores de jornais, além de ter como característica principal o comentário e não a informação. O caso pesquisado é o processo instaurado contra o prefeito do Município de Plácido de Castro/AC, no Tribunal Regional Eleitoral/AC no ano de 2009, por suposta prática de compra de votos nas eleições de 2008, a fim de evidenciar como foi realizada a produção social dos sentidos nesse tipo de texto midiático, veiculado no Estado do Acre. Com efeito, neste trabalho, observou-se a opacidade do discurso, escondida por uma aparente transparência, evidenciando-se o primado do interdiscurso sobre o discurso como consequência da heterogeneidade de todo discurso, percebemos que no corpus deste trabalho, o discurso veiculado é polifônico apenas aparentemente, pois os discursos articulados nos textos analisados servem, todos eles, apenas para corroborar a visão do enunciador que evoca a memória discursiva dos seus interlocutores, demonstrando que apesar de tratar do referente X, na verdade, trata de outro referente.

Palavras-chaves: discurso; charge; memória.

A LINGUAGEM DA INTOLERÂNCIA E SEU FRUTO MAIS EXTREMADO: UM BREVE HISTÓRICO DOS SKINHEADS NO BRASIL E NO MUNDO.

Wlisses James de Farias Silva
wlissesjames@gmail.com

Com a eclosão da crise capitalista e seu agravamento simbolizado pela Crise do Petróleo nos anos 1970 e pelo avanço do Neo-liberalismo na Europa, Estados Unidos e América Latina nos anos 1980 e 1990, o mundo deparou-se com uma série de manifestações de ódio e intolerância ocorridas principalmente na Europa e Estados Unidos, tendo ramificações também na América Latina. Tais ações e atos nos mostraram o ressurgimento de grupos organizados da extrema direita em todo o mundo, possuindo inclusive, principalmente na Europa, uma preocupante força eleitoral em diversos países nos anos 1990. O presente trabalho pretende abordar o crescimento da intolerância e do racismo no mundo atual, realizando um breve histórico de seu nascimento no pós-Segunda Guerra Mundial, principalmente no período dos anos 1950 e 1960 com o advento da cultura de massas e dos movimentos de contra cultura, até seu crescimento político eleitoral ocorrido na Europa nos finais dos anos 1980 e 1990 com destaque para os grupos skinheads que atuam no mundo hoje. Tal trabalho também pretende descrever um breve histórico da chegada e do crescimento do movimento skinhead no Brasil, principalmente a partir da discussão da crise do final dos anos 1980 e da estagnação dos anos 1990, período onde houveram várias ações desses grupos no Brasil.

Palavras-chave: skinheads; intolerância; crise capitalista.